

# AUTORES LIVROS

Ano X  
Setembro de 1960

Director e redactor: MUCIO LEAO.  
Gerente: LEONARDO MARQUES.  
Secretário: SERGIO R. VELLOZO.  
PREÇO: — Cr\$ 3,00

Volume XI  
N.º 9

## Varios autores dos séculos XVII e XVIII



*Inocência Franca da Silva*

Inocência Franca da Silva, o autor do "Dicionário Bibliográfico Português". Continuação da obra de Diogo Barbosa Machado, biografou numerosos autores brasileiros, levantando a relação bibliográfica de cada um deles.

### MARTINHO DE MESQUITA

Martinho de Mesquita nasceu no Rio de Janeiro em 1683, e era filho de D. João de Mesquita e Maria de Mesquita.

Viveu em Roma, recebendo ali, na Academia de S. Tomaz, o grau de doutor em teologia.

Foi em Roma, amigo muito chegado do Cardeal Barberini, com quem chegou a ser também muito amigo de Antonio Vieira.

Fontes:

— *Crônica do propagação da cultura católica no Brasil* — 1.º volume, página 487.  
— *Revista de História* — 1.º volume, página 487.  
— *Revista de História* — 1.º volume, página 487.  
— *Revista de História* — 1.º volume, página 487.  
— *Revista de História* — 1.º volume, página 487.

Foi abade na Bahia, presidente e, por fim, eleito provincial. Faleceu antes de ter assumido o exercício do cargo em 9 de abril de 1714.

Bibliografia:

— *Sermão do gloriosíssimo patriarca, doutor Santo Agostinho, na cidade da Bahia, na Igreja de N. S. da Palma*. — In-4.º — Lisboa — 1685.

— *Sermão do Patriarca* — In-4.º — Lisboa — 1705.

— *Graciosa fúnebre na translacão dos ossos do Ilmo. e Exmo. Sr. D. José de Barros e Alarcão, 1.º Bispo do Rio de Janeiro, na Igreja de S. Bento da mesma cidade, aos 21 de agosto de 1702* — In-4.º — Lisboa — 1703.

— *Blake* — relação várias vezes transcritas de textos inéditos desse autor.

Fontes:

— *A Mota* — *História da Literatura Brasileira* — 1.º vol. — pág. 448.  
— *J. Barbosa* — *Literatura Brasileira* — p. 123.  
— *S. Blake* — *Dicionário* — vol. 2.º, Inocência — *Dicionário*, vol. 2.º.

★

### FREI MANUEL DO DESTERRO

Nasceu em cidade da Bahia, em 1682. Era franciscano. Foi lente de teologia e confessor da província da Inocência Católica.

Faleceu no convento de Marcolino, paróquia do Rio de Janeiro, em 20 de maio de 1704.

Bibliografia:

— *Uma noite típica inédita*, Blake refere-se a duas obras dele, que ficaram inéditas, na livreria do convento do Rio de Janeiro.

Tratado de filosofia eclesiástica, 2 volumes.

Sermões Vários.

Fontes:

— *Acilides Bezerra* — *A filosofia na igreja católica*.  
— *Artur Mota* — *História da Literatura Brasileira* — Período de Formação, p. 460.

— *Júlio Barbosa* — *Literatura Brasileira* — p. 123.

— *Sacramento Blake* — *Dicionário Bibliográfico*, 2.º volume, página 59.

★

### DOMINGOS RAMOS

Nasceu na Bahia, a 27 de abril de 1693 e era filho de Manuel Ramos Paes e D. Ana Maria Cavaco Ramos.

Entrou para a Companhia de Jesus em 1688, e no Colégio da Ordem foi mestre de Filosofia e de Teologia. Faleceu em 11 de junho de 1778.

Bibliografia:

— *Sermão nas exéquias da rainha, nos a senhora D. Maria Joia Isabel, celebradas na catedral metropolitana da cidade da Bahia, aos 31 de dezembro de 1706*. Lisboa, 1702, in-4.º.

— *Sermão nas exéquias d'el-rei D. Pedro II, senhor nosso, celebradas na catedral metropolitana da cidade da Bahia, aos 20 de setembro de 1707*. Lisboa, 1709, in-4.º.

— *Curios philosophicus* — Man. in-fol.

— *Questões selectae* — Idem in-fol.

— *De quibusdam probabilibus* — Idem in-fol.

Fontes:

— *Artur Mota* — *História da Literatura Brasileira* — 1.º volume, página 227.

— *Sacramento Blake* — *Dicionário* — 1.º volume, página 227.

★

### GONCALO RAVASCO CAVALCANTI DE ALBUQUERQUE

Nasceu na Bahia em 1659 e era filho de Bernardo Vieira Ravasco e D. Felipe Cavalcanti de Albuquerque. Foi sobrinho do Padre Vieira, que o educou. Substituiu o pai no cargo de se-

cretário de Estado do Brasil. Foi governador de Cabo Frio e comendador da Ordem de Cristo. Era fidalgo da Casa Real. Faleceu na Bahia, a 9 de outubro de 1725.

Rescreveu:

— *Auto Sacramental*. São três autos cujo paratexto continua ignorado.

Fontes:

— *Artur Mota* — *História da Literatura Brasileira* — 1.º volume, página 487.

— *Bento Murilo* — *Antologia Brasileira* — (Renascença, 26-12-54).

— *J. M. Macedo* — *Arte biográfica*.

— *Júlio Barbosa* — *Literatura Brasileira*, pág. 120.

— *Pereira da Silva* — *Vários Ilustres do Brasil nos tempos coloniais*.

— *Sacramento Blake* — *Dicionário*, volume 2.º.

★

### MANUEL DA MADRE DE DEUS RUIHOS

Nasceu na Bahia a 4 de novembro de 1686 e era filho de Antônio Manuel da Costa Campos e D. Maria de Bulhões.

Foi alcaide de infantaria e depois promoveu a cargo de capitão. Foi mestre em artes, doutor em teologia, licenciado em direito, do Arcebispado da Bahia, lente de Teologia sagrada. Foi detentor de vários títulos de nobreza.

Faleceu no convento de Marcolino, paróquia do Rio de Janeiro, em 20 de maio de 1704.

Bibliografia:

— *Sermão da Soledade de Nossa Senhora, pregado na Sé da Bahia e 25 de março de 1701*. Lisboa, in-4.º.

— *Sermão da Soledade, pregado na catedral da Bahia, em 13 de abril de 1702*. Lisboa, 1705, in-4.º.

— *Sermão Soledade, pregado na Sé da Bahia no dia de 1708*. Lisboa, 1709, in-4.º.

— *Sermão de Nossa Senhora de Ajudá, pregado na sua igreja na cidade da Bahia*. Lisboa, 1704, in-4.º.

— *Sermão em ação de graças pela saúde d'el-rei, nosso senhor, pregado na Sé da Bahia, em 24 de maio de 1705*. Lisboa, 1706, 22 págs. in-4.º.

— *Sermão do primeiro Synodo diocesano que se celebrou no Brasil pelo illustrissimo Sr. D. Sebastião Monteiro, arcebispo da Bahia, a 12 de junho de 1707*. Lisboa, 1709, in-4.º.

— *Sermão de Santa Terça, pregado no Convento do Carmo da Bahia*. Lisboa, 1711, in-4.º.

— *Sermão de S. Feliz Cantaleiro no hospício de N. S. da Piedade dos Capuchinhos da Bahia*. Lisboa, 1711, in-4.º.

— *Sermão do Principe Apóstolo S. Pedro na abertura de seu novo templo na cidade da Bahia*. Lisboa, 1717, in-4.º.

— *Sermão na festividade de Nossa Senhora da Barroquinha*. Lisboa, 1728, in-4.º.

— *Oração concionatória nas exéquias da illustrissima Sr. dona Mariana de Albuquerque, mãe do Exmo. Sr. Vasco Fernandes Cesar de Menezes, Conde de Sabugosa e capitão general do Estado do Brasil*. Lisboa, 1732, in-4.º.

— *Sermões em várias solenidades de Maria Santissima, mãe de Deus, e Senhora nossa, pregados na cidade da Bahia, Lisboa Oriental, 1717, 427 páginas*. in-4.º.

— *Sermões Vários, oferecidos ao Illustrissimo e Reverendissimo Sr. D. João de Fialho, Bispo de Pernambuco*. Lisboa Oriental, 1739, 385 págs. in-4.º.

— *Nota de Blake*: "Este livro foi publicado com a declaração de tombo 2.º, assim como o precedente com a de tombo 1.º, mas sob o mesmo título de Sermões Vários".

(continua na página seguinte).

## SUMÁRIO

Varios Autores dos séculos XVII e XVIII	83	A popularidade de Dantas Barreto	93
Cratichon da Madre de Deus Luz		— Prêmios académicos	
Martinho de Mesquita		Noticia sobre Soares Brandão	97
Frei José da Natividade		— Uma carta de Joaquim Nabuco	
Frei Manoel do Desterro		— Uma carta de Oliveira Lima	
Gracioso Ravasco		Correspondência de Soares Brandão com Joaquim Nabuco	98, 99, 100, 101
Manuel da Madre de Deus Buihós		— Celso Pinheiro e Da Costa e Silva	
Canto do Cisne, soneto de Leônicio Correia		— Audrey Bell	102
Varios Autores do século XVII e XVIII	84	— Poemas de "Face Poética"	
José de Mivalles		— Trecho do canto XXV do "Inferno" de Dante, tradução de Dante Milano	
Mateus da Encarnação Pina		— Fidelidade, de William Eullen Bryant	
José das Santos Cosme e Damião		A Obra de Ferreira de Araújo, de Sergio Vellozo	103
Leite Botelho do Rosário		Carta de Paul Valéry a Georges Duhamel	104
José de Oliveira Serpa		— Boi: Bala sobre campo de praia, poema de Cassiano Ricardo	
José Pereira de Santa Ana		— A Vida dos Sinos	
Silvestre de Oliveira Serpa			
José Pires de Carvalho Albuquerque			
Francisco Calmon			
Antônio Nunes de Siqueira			
Simão Pereira de Sá			
Algumas poesias de Autores coloniais	95		

## Canto de Cisne

LEONICIO CORREIA

"Cego — completa escuridão — tateio sem um velho cajado a que me arrime. Exploração, talvez, de um grande crime. Mas não, quando a como pratiquei-o?"

Das azas cujo o matinal gorgeio... Invejo-as, e essa noite inveja expulsa. Uma ressonância firme e sublimada. De encantar a hora extrema sem receio.

Ao Pai Celestial minha alma entrego. As margens quase da outra vida, cego. Mas abrasado de infinito amor.

Pelo bom Deus, que me concede ainda Quando minha missão na terra finda. Esta benedita luz interior".

### RAO PEREIRA DE SA (L.º)

Nasceu na cidade do Rio de Janeiro, no quarto do século XVII, era de capão Jacinto Pereira da

— *Crônica do propagação da cultura católica no Brasil* — 1.º volume, página 487.

— *Revista de História* — 1.º volume, página 487.

— *Revista de História* — 1.º volume, página 487.

— *Revista de História* — 1.º volume, página 487.

— *Revista de História* — 1.º volume, página 487.

— *Revista de História* — 1.º volume, página 487.

— *Revista de História* — 1.º volume, página 487.

— *Revista de História* — 1.º volume, página 487.

— *Revista de História* — 1.º volume, página 487.

— *Revista de História* — 1.º volume, página 487.

— *Revista de História* — 1.º volume, página 487.

— *Revista de História* — 1.º volume, página 487.

— *Revista de História* — 1.º volume, página 487.

— *Revista de História* — 1.º volume, página 487.

— *Revista de História* — 1.º volume, página 487.

— *Revista de História* — 1.º volume, página 487.

— *Revista de História* — 1.º volume, página 487.

— *Revista de História* — 1.º volume, página 487.

— *Revista de História* — 1.º volume, página 487.

— *Revista de História* — 1.º volume, página 487.

— *Revista de História* — 1.º volume, página 487.

— *Revista de História* — 1.º volume, página 487.

— *Revista de História* — 1.º volume, página 487.

— *Revista de História* — 1.º volume, página 487.

— *Revista de História* — 1.º volume, página 487.

— *Revista de História* — 1.º volume, página 487.

— *Revista de História* — 1.º volume, página 487.

# Varios autores dos séculos XVII e XVIII

(continuação da pág. 93).

Fontes:

Artur Mota — *História da Literatura Brasileira*, 2.º volume.  
Inocêncio — *Dicionário*, vol. 6.º.  
S. Blake — *Dicionário*, vol. 6.º.  
Orq. 192 311 Jorge Ramos 4-4-50.  
Pedro Calmon — *Vitória da Literatura Brasileira*, p. 42.

## JOSE DE MIRALLES

Nasceu em Xativa Valência (Espanha) por volta de 1606. Foi nomeado em Portugal e dali passou ao Brasil. Em 1724 achava-se na Bahia, servindo como tenente-coronel de um dos regimentos da cidade. Foi naquele ano, um dos fundadores da Academia dos Esquecidos. Em 1759 foi um dos acadêmicos de número da Academia dos Renascidos. Dessa instituição recebeu o encargo de compor uma *História Militar do Brasil*. Em 20 de julho de 1761, escrevia ao Conde de Oeiras, pedindo-lhe que se interessasse pelo requerimento que dirigia ao rei, rogando-lhe que lhe concedesse a patente de coronel honorário do Exército. Dizia então ter começado a escrever a *História Militar do Brasil*. Para que ele pudesse consultar os livros que lhe eram necessários à composição da obra, o governador interino de Tomaz Buel concedeu-lhe uma licença especial. Em 1760, tendo ele a idade de 52 anos, recebeu a patente de Coronel com o exercício de Tenente-Coronel. Faleceu depois de 1777.

Escreveu:  
*História Militar do Brasil, desde o ano de 1549, em que teve principio a fundação da cidade de S. Salvador da Bahia de Todos os Santos*. Foi a publicação no vol. 22 dos *Anais da Biblioteca Nacional* (1890). Foi tirada uma separata.

Acres do seu manuscrito, existe detalhada notícia no *Catálogo dos Códices da Biblioteca Nacional* (página 514).

Fontes:  
Artur Mota — *História da Literatura Brasileira*, vol. 2.º, pág. 66.  
Sacramento Blake — *Dicionário* — 3.º volume, p. 99.

## MATEUS DA ENCARNÇÃO PINA

Nasceu no Rio de Janeiro, a 23 de agosto de 1681, e era filho de Domingos Alvares Pina e D. Francisca de Fátima. Foi nomeado beneditino, abade geral do Brasil. Foi, em seu tempo, considerado grande teólogo e grande orador.

Deixou numerosos sermões e mais os seguintes livros:

*Defensão paráfrase e interrogatório conciliar*. Santa Matris Ecclesiae — Olinda, 1729.

*Vitória evangélica* — partes 1.ª, 2.ª e 3.ª — Lisboa, 1736, 1735, 1747, 3 volumes.

*Teologia dogmática e escolástica*. Freixo Inédito.

Fontes:  
Almeida Bezerra — *A Filosofia na fase colonial*.  
Artur Mota — *História da Literatura Brasileira*, 2.º vol.  
S. Blake — *Dicionário* — 6.º volume.

Inocêncio — *Dicionário*, t. II.

## VALENTIM MENDES

Nasceu na cidade de Cachoeira, Bahia, a 10 de abril de 1689, e era filho do sargento-mor Antônio Mendes Falcão e D. Antônia da Silva. Foi jesuíta. Lecionou filosofia e outras humanidades na Bahia, em Pernambuco, no Rio de Janeiro; foi lente de teologia e examinador sinodal na Bahia. Faleceu depois de 1752.

Escreveu:  
*Sermão das Onze Mil Virgens* — Lisboa, 1734.

*Sermão das Onze Mil Virgens* — Lisboa, 1740.

*Sermão do Príncipe dos Patriarcas, Santa Efigê* — Lisboa, 1758.

*Sermão do glorioso São João da Companhia de Jesus, pregado no real colégio da Bahia, a 21-7-1735*, em Lisboa, 1747, in 4.º.

*Sermão de N. S. da Porta do Céu e do todo bem, e colocação de sua imagem na igreja de S. Pedro da Bahia, em 15-8-1737* — Lisboa, 1738, in 4.º.

*Sermão das lágrimas na triste solidão da Mãe de Deus, pregado na Se da Bahia a 4-4-1738*. Lisboa, 1739, in 4.º.

Sonhou em apêlo no desembargador Ignácio Dias Madeira, tornando posse do lugar de curador geral do crime — Bahia, 1742. Foram publicados com outras poesias da mesma finalidade.

Fontes:  
Artur Mota — *História da Literatura Brasileira*, 2.º volume.  
Sacramento Blake — *Dicionário* — volume sétimo.

## JOSE DOS SANTOS COSME E DAMIAO

Nasceu na Bahia em 1684, e professou na Ordem Seráfica de S. Francisco, no Convento de Iguarassu, Pernambuco, a 8 de setembro de 1710. Foi, na Bahia, lente de Retórica e de teologia da véspera. No convento de Olinda, foi lente de artes e de teologia de prima, guardião, defensor do Obediente. Foi ainda examinador do Bispo de Pernambuco e do Arcebispo da Bahia, examinador das ordens militares pelo Supremo Tribunal de Mesa de Consciência e Ordens, qualificador do Santo Ofício. Pertenceu à Academia dos Renascidos.

Escreveu:  
*Ternário conciliatório*. Três sermões pregados em três sucessivos no convento da Bahia — Lisboa, 1746, in 4.º.

*Sermão de B. Gançalo Garcia, pregado no terceiro dia do tríduo que celebravam os bônus paros da Bahia, na catedral da mesma cidade* — Lisboa, 1747, in 4.º.

*Sermão nas exequias dos sacerdotes irmãos de S. Pedro, da congregação dos clérigos da Bahia. Sobre o mesmo tema pregou em três anos consecutivos. Foram publicados em folhetos distintos*. Lisboa, 1740, 1741, 1742.

*Sermão panegirico na solenidade da canonização de S. Francisco de Regis*. — Lisboa, 1741.

*Sermão moral histórico e panegirico no dia em que o bispo D. José Botelho de Matos recebeu a investitura do palácio arcebispoal*. — Lisboa, 1743.

Fontes:  
Artur Mota — *História da Literatura Brasileira*.  
Inocêncio — *Dicionário*, t. 5.º.

## LUIS BOTELHO DO ROSARIO

Nasceu no Recife, a 21 de agosto de 1693, e era filho de João Baltazar Campbell e D. Brístes Bandeira de Melo. Professou no convento de Olinda, em 1714. Em 1722 concluiu em Coimbra seu curso de doutor. Foi lente de teologia no convento da Bahia; diretor dos estudos no mesmo convento; qualificador do Santo Ofício. Ficou no capítulo geral de sua ordem, celebrado em Ferrara em 1729. Foi presidente do capítulo da Ordem Carmelitana e seu cronista mor.

Escreveu:  
*Sermão Panegirico da Invenção da Santa Cruz, pregado na Bahia, em 1738*. Lisboa, 1740.

*Sermão nas exequias dos sacerdotes irmãos de S. Pedro, da congregação dos clérigos da Bahia*. Lisboa, 1740-1741.

*Sermão panegirico da solenidade da canonização de São João Francisco de Regis*. Lisboa, 1741.

*Sermão moral, histórico e panegirico no dia em que o bispo D. José Botelho de Matos recebeu a investitura do palácio arcebispoal*. Lisboa, 1743.

Fontes:  
Artur Mota — *História da Literatura Brasileira*, vol. 2.º.

S. Blake — *Dicionário de Pernambuco*.

## JOSE DE OLIVEIRA SERPA

Nasceu na Bahia, em 13 de janeiro de 1688, e era filho de Francisco Alvares Carneiro e D. Arcangela Guedes de Brito.

Estudou no Colégio dos Jesuítas, recebendo o grau de mestre em artes. Depois tomou a roupa, e se tornou monge como orador, e também como poeta. Pertenceu à academia dos Esquecidos.

Faleceu depois do incêndio do século XVIII.

Escreveu:  
*Sermão da Soledade da Santíssima Virgem, pregado na matriz de São Pedro da Bahia, em 27-3-1732* — Lisboa — 1748, in 4.º.

*Sermão de N. S. da Porta do Céu e do todo bem, pregado na igreja de S. Pedro dos clérigos da Bahia, em 1741* — Lisboa, 1744 in 4.º.

*Sermão da Conceição da Virgem Maria, pregado na igreja da Lapa, quando em seu convento entravam as novas religiosas da Conceição, em 1744* — Lisboa — in 4.º.

*Poesias a morte de D. João V — Na "Relação panegirica das honras fúnebres que consagrou a cidade da Bahia, corte da América Portuguesa, à memória do rei D. João V, pelo*

Dr. João Borges de Barros", Lisboa, 1763. Reproduzidas no "Florilegio da poesia brasileira", tomo 3.º, apêndice.

Novo obsequio ao grande patriarca S. José. Compo-se de novena e várias poesias. Parece que não foi publicado.

Trindade da terra exaltada e efeito do temor de Deus, por causa de uma horrível trovada, sucedida em uma noite do dia de S. José do ano de 1721. E' mencionada por Barbosa Machado.

Santa ou Cel. Sebastião da Rocha Pitta. Publicado na revista literária "A Renascença" Bahia, ano 1.º, n.º 18, de 23-1-1891, reproduzido no "Parnaso Brasileiro" de Melo Moraes.

Romance fado-serio em louvor da Academia dos Esquecidos. Na mesma revista e no "Parnaso Brasileiro" de Melo Moraes (vol. 1, pág. 98).

Fontes:  
Artur Mota — *História da Literatura Brasileira*.  
Inocêncio — *Dicionário*, t. 5.º.

S. Blake — *Dicionário*, tomo 5.º.

Pedro Calmon — *História da Literatura Brasileira*, 97.

## JOSE PEREIRA DE SANTA ANA

Seu nome no século era José Pereira de S. Baçan. Nasceu no Rio de Janeiro, em 4 de fevereiro de 1699, e era filho de Simão Pereira de S. Baçan e D. Ana Baçan.

Professou como carmelita em 1718, no Rio de Janeiro. Recebeu, depois, em Coimbra, o grau de doutor em teologia. Representando à sua terra, lecionou teologia e filosofia.

Partiu de novo para Portugal, e ali foi segundo defensor da sua província e cronista. Foi presidente do capítulo celebrado em Lisboa em 11 de janeiro de 1744. Obteve ainda os privilégios de provincial daquela província.

Foi lente substituto de Filosofia em Coimbra, qualificador do Santo Ofício, confessor e mestre da princesa da Beira e das infantas, suas irmãs.

Faleceu no Paço de Salvaterra, Portugal, em 31 de janeiro de 1759.

Escreveu:  
*Nôcia mística. Representação metrica y verdadeira historia de los chiblos de Maria y de los chiblos de Cristo*. Lisboa, 1730, in 4.º.

*Triunfo panegirico*, exposto na festa que ao glorioso tranzião de S. João S. José celebra-se com o Santissimo Sacramento exposto na igreja do real convento deste grande Santo — Lisboa, 1732, in 4.º.

Novo oratório de virtudes que como pedras preciosas se tercia, precioso príncipe dos patriotes, o sol do Ocidente, S. Bento — Lisboa, 1734, in 4.º.

Os dons altíficos da Etopia: Sio, Estêvão, imperador XVIII da Abissínia, advogado dos perigos do mar, e S. Ercolano, príncipe da Nubia, advogado dos incômodos dos edifícios, ambos carmelitas — Lisboa, 1735 — 1738 — 2 tomos: o 1.º de XXVI — 337 — 155 pág. o 2.º de XX — 218 pág. in fol.

No fim do 1.º tomo se acha um sermão pregado pelo autor por ocasião da colocação das sagradas imagens dos dois santos.

Vida de insigne mestre do espírito, a virtuosa madre Maria Perpétua da Luz, carmelita, calçada do exemplarissimo convento da Esperança, na cidade de Beja, onde acabou a vida temporariamente no dia 6 de agosto de 1736 — Lisboa — 1742, in fol.

Cronica das carmelitas da antea regular observância nestes reinos de Portugal, Alentejo e seus domínios, etc. — Lisboa, 1743, 1743, 2 tomos, in fol. A obra compohe-se de 4 vols., mas só se publicaram 2: o 1.º de XXX — 862 e o 2.º de XXI — 459 — pág. in fol., a que se segue uma dissertação apologética, histórica, litúrgica, dogmática e política para intelligência da observância da primeira ordem municipal da provincia carmelitana portuguesa, abrangendo mais de 300 pág., e mais um additamento final. Os dois ultimos volumes não foram publicados, por serem consumidos pelo incêndio do convento do Carmo, por ocasião do terremoto de 1743, sendo a obra de Miguel de Azevedo, da mesma ordem.

Mestre da morte, Jesus Cristo, nosso redemptor crucificado, que com o seu exemplo ensina efficaz meios de termos no fim da vida um tranzião seguro para a vida eterna, parte 1.ª — Lisboa, 1741, in 8.º.

Meditação da vida eterna, Maria Santissima, Mãe de Deus — parte 2.ª — Lisboa, 1747, in 8.º. Estas duas obras se publicaram com assinatura fictícia do padre José Anacleto Martelli, mas são do frei José Pereira de S. Baçan.

Santa Ana, segundo afirma Barbosa Machado.

Novenário Sacro de especiosissimas louvores para se recitarem nos nove dias antecedente à festa da comemoração solenne da Maria Santissima, Mãe de Deus e Senhora do Monte do Carmo — Lisboa, 1761, 96 páginas — in 8.º.

Excellencias do glorioso S. João Nepomuceno primeiro martir de Cristo, pela observância do sigilo sacramental, etc. Lisboa, 1761 — in 8.º.

Fontes:  
Artur Mota — *História da Literatura Brasileira*, 2.º volume, página 117.

Sacramento Blake — *Dicionário* — vol. 5.º.

## SILVESTRE DE OLIVEIRA SERPA

Nasceu na Bahia, entre os ultimos anos do século XVII e os primeiros do século XVIII, e era filho de Francisco Alvares Carneiro e D. Arcangela Guedes de Brito. Era irmão de João Pereira de Oliveira Serpa. Foi acadêmico de número da Academia Brasileira dos Esquecidos. Ficou no Florilegio de Varnhagen, p. 3.º.

Escreveu:  
Cancão a morte de Dr. João V. Na *Relação Panegirica das honras que consagrou a cidade da Bahia*, etc. a D. João V. — Lisboa, 1753.

Decimas gloriosando duas quadras — In *Florilegio de Varnhagen*.

Silva metrica, in *Academia Brasileira dos Renascidos de Alberto Lamer*.

Fontes:  
S. Blake — *Dicionário*, 1.º.

## JOSE PIRES DE CARVALHO ALBUQUERQUE

Nasceu na Bahia em 1701, e era filho do capitão José Pires de Carvalho e D. Teresa Cavalcanti de Albuquerque. Casou-se com D. Brístes da Rocha Pitta, neta do historiador Sebastião da Rocha Pitta. Doutourou-se em canoas pela Universidade de Coimbra, e foi em Portugal ouvidor da camara de Alentejo. Regressando ao Brasil, foi alcaide-mor da vila de Maragogipe. Foi socio e censor da Academia Brasileira dos Esquecidos. Era fidalgo da Casa Real e Cavaleiro da Ordem de Cristo.

Culto metrico — tributo obsequioso que às aras da Sacratissima Pureza de Maria Santissima, Senhora nossa e Mãe de Deus, dedica, oferece e consagra pelas sagradas mãos do Excelentissimo e Revmo. Sr. D. José Botelho de Matos, arcebispo da Bahia, primaz dos estados do Brasil, do conselho de Sua Magestade Fidelissima e presidente do Supremo Tribunal da Mesa de Consciência e ordens, etc. Lisboa, 1737, 54 páginas, in 4.º.

Nota de Blake: "É um poema de 81 estrofes rimadas, parecendo-me que na escassa da data da publicação, que deve ser 1738, dato como esse poema foi apresentado à Academia Brasileira dos renascidos que foi inaugurada a 6 de junho deste ano, pela necessidade de erguer um padrão de alegria que assimilar os habitantes da Bahia com a notícia do perfeito restabelecimento de S. M. fidelissima depois da perniciosa enfermidade, e de seu afeto a sua real pessoa", e sua ultima sessão teve lugar a 28 de abril de 1739. Houve segunda edição em 1740, 124 páginas, compoendo mais um comp. com 119 estrofes.

No âmbito de Sua Magestade Fidelissima, el-Rei D. João V. soneto — na "Relação Panegirica das honras fúnebres, etc." pelo Dr. João Borges Barros, Lisboa, 1752.

Fontes:  
Sacramento Blake — *Dicionário* — 3.º vol. pág. 139.

Inocêncio — *Dicionário*, volume 5 e 13.

## FRANCISCO CALMON

Nasceu na Bahia, a 18 de setembro de 1793, e era filho de Francisco Calmon e D. Inácia de Almeida Pereira. Foi fidalgo da casa real e pertenceu à Academia Brasileira dos Renascidos.

Escreveu:  
Relação das famossissimas festas que celebrou a catedral de V. N. S. da Purificação e Rio Anau, da comarca da Bahia, pelas augustissimas disposições da serenissima Senhora D. Maria, primeira do Brasil, com o serenissimo Senhor D. Pedro, infante de Portugal, Lisboa, 1763, 16 páginas, in 8.º.

Fontes:  
Artur Mota — *História da Literatura Brasileira*, 2.º volume.

Sacramento Blake — *Dicionário*, 2.º volume.

Varnhagen — *História Geral do Brasil*, 2.º volume.

Pedro Calmon — *História da Literatura Brasileira*, p. 71.

## ANTONIO NUNES DE SIQUEIRA

Nasceu no Rio de Janeiro, a 2 de abril de 1701, e foi sacerdote. Foi lente do Seminário de S. José, examinador sinodal. Teve honras de mestre. Era, também, médico. Pertenceu à Academia dos Seis e à Academia Real da Ciência da Bahia. Ignora-se a data do seu falecimento.

Escreveu:  
Várias compozições de musica, segundo afirma Balthazar d. A. Silva Lisboa.

Poesias, compozições em vários idiomas. Encontram-se no livro "Asas da América", no glorioso exaltado do acadêmico de S. José, examinador sinodal, Teve honras de mestre. Era, também, médico. Pertenceu à Academia dos Seis e à Academia Real da Ciência da Bahia. Ignora-se a data do seu falecimento.

No "Parnaso Brasileiro", de Melo Moraes Filho, vol. 1.º, pág. 117, achamos um "Romance Lyrico" (título cassilabo).

Fontes:  
Artur Mota — *História da Literatura Brasileira*, 2.º vol.

Manuel Tavares de Siqueira e Sá — *Júbilos da América*.

Sacramento Blake — *Dic. hist. bras.*, vol. 1.º, pág. 272.

Melo Moraes P.º — *Parnaso Brasileiro*, tomo 1.

## SIMÃO PEREIRA DE SA (2.º)

Era filho de um médico de igual nome e D. Ana Baçan. Nasceu no Rio de Janeiro, em 22 de junho de 1751. Entreu para o Colégio dos Jesuítas de sua cidade natal, e foi ali grande mestre em artes e ordenado presbítero.

Indo para Portugal, fez em Coimbra o curso de canoas, graduando-se em 23 de julho de 1778.

Vindo para o Brasil, era, em 1752, procurador da Coroa, e fluente e promotor do Juízo da Província de Campes e Resíduos no Rio de Janeiro. Pertenceu à Academia dos Seis. Ficou no Florilegio de Varnhagen, vol. 3.º.

Escreveu:  
*História topográfica e física da Nova Colônia do Sacramento do Rio da Prata*. — Editada pela primeira vez pelo Liceu Literário Português do Rio de Janeiro e copiada do original de Simão Pereira de Sa — Rio de Janeiro, 1790, 124 páginas, in 4.º.

Procedida das "Explicações providas com a assinatura dos membros da Diretoria do Liceo Literário Português, de um estudo "Sobre a colônia do Sacramento", escrito por Capote de Alencar e de três Notos. Os desenhos que illustram, são de Vinte e Quatro, extraídos do original (d'Alencar, 1790); o mapa é de Mouchet; o retrato de Pedro Alvares Cabral foi copiado pelo pintor A. A. do Valle e Sousa Pinto; a alegoria da cnp é de João de Sá Machado.

Relatório do Rio da Prata — em 1790, 124 páginas, compoendo mais um comp. com 119 estrofes.

Noticia chronologica do Estado do Rio de Janeiro, fundado por D. João V. — In *Florilegio de Varnhagen*, vol. 11, de 11 de novembro de 1876, inédita.

Romance a Gomes Freire de Andrade, apresentado à Academia dos Seis a 30 de janeiro de 1752. Anotações nos Júbilos da América — Lisboa, 1769.

Fontes:  
Artur Mota — *História da Literatura Brasileira*, vol. 2.º — página 62, relaciona como sendo desta obra várias outras que já anteriormente registrou o século 17 (que tivera o mesmo nome).

São os seguintes:  
— *Subsidio perfeito e Tardes conversadas* (alias *Tarde Ignorante*).  
— *Propaganda da Adroquicia*.  
— *Conceitos fado-serio*.  
— *Orações Acadêmicas*.

Essas quatro obras são mencionadas por Blake como sendo da autoria do primeiro Simão Pereira de Sa.

Fontes:  
Artur Mota — *História da Literatura Brasileira* — 2.º volume, página 62.

Inocêncio — *Dicionário*, vol. 15.

Sacramento Blake — *Dicionário*, vol. 7.º Varnhagen — *Florilegio*, anexo ao tomo 3.º.





# A popularidade de Dantas Barreto

Barbosa Lima Sobrinho

A data de 23 de março tem sido larga influência no destino dos governantes de Pernambuco. Nada menos de três governadores do Estado nasceram nesse dia, dois séculos no ano de 1850 e o terceiro em 1882. Este último, aliás, foi o que primeiro chegou ao palácio do Campo das Princesas — foi o então capitão Alexandre José Barbosa Lima, que assumiu a supremacia direção de seu Estado natal a 2 de abril de 1892 — aos trinta anos de idade, consequentemente. Dos que nasceram a 23 de março de 1850, Hercúlio Bandeira e Dantas Barreto, um assumiu o governo a 1 de abril de 1903, com 53 anos de idade, e Dantas Barreto, com 51, em 1911. Hercúlio Bandeira não chegou a concluir o seu quinquênio, que deveria terminar em 1912. Renunciou ao cargo, para que assumisse Estácio Coimbra, de quem se esperava não energia, no enfrentar a fase das "salvações".

Dantas Barreto foi um homem de excepcional tenacidade. Para sua ascensão concorreu, mais do que tudo, a pertinácia de uma vontade orientada e firme. Das origens modestas de uma família pobre da Papacosa chegou, por esforço próprio e não por proteção, ao generalato e ao Ministério da Guerra. Seus livros sobre assuntos históricos são mais interessantes do que o deixou perceber uma crítica ferozista, que só procurava em Dantas Barreto o político e através do editor desejava alcançar o homem de partido, ou de governo.

Na administração de Pernambuco, deixou o general Dantas Barreto um traço nítido de atividade e honestidade. E ainda ganhou a fama de um governo realista. Ouve-se frequentemente a opinião de que o regresso de Pernambuco se deve contar a partir do quinquênio Dantas Barreto. A análise dos fatos, e, sobretudo a leitura das mensagens de seu governo, não corroboram semelhante interpretação, embora não lhe deva ser negado o movimento de um governo trabalhador e honesto. Não fez tanto quanto se diz, ou se apregoa nos panegíricos da rua. Mas também é certo que tudo concorreu para que ficasse de seu período, uma impressão de entusiasmo, associada a uma fase das grandes transformações da cidade do Recife.

Fuam candidatos chegaram ao poder, no ambiente de popularidade exaltada que Dantas Barreto veio encontrar no Recife. A reação contra o domínio rosista conquistou multitudes delirantes, que vinham para as ruas cantar seus hinos políticos, na cadência da música da "Vassourinha".

"Salvati! Salvati!  
Querido General  
do nosso Estado  
Das mãos do tirador".

Não julgamos desaproveitado, Rosa e Silva e seus amigos não mereciam esta epíteto assassinos. As campanhas políticas, entretanto, não se preocupam com a justiça; tratam-se apenas, de procurar a vitória por meio da violência de suas atitudes. De outro modo, não haveria como classificar de tirador a uma situação, a qual devemos dizer dos maiores melhoramentos de Pernambuco, as obras do porto do Recife e o trabalho do saneamento executado por Saturnino de Brito.

O contrato para a construção do porto foi assinado a 4 de agosto de 1903 incluindo-se as obras respectivas a 30 de julho de 1903 e dentro do quinquênio de Saturnino de Brito. Além da construção das calas, das Armazéns, do molhe de Olinda e de outros de obras complementares, como ao Governo Federal demorir o velho Recife, para unir, com as duas avenidas Marquês de Olinda e Rio Branco, o acesso para a zona portuária. Até o fechamento dessas avenidas, e das ruas adjacentes ao faz por intermédio do Governo Federal, com os recursos da União e em consequência do contrato de 1903. A maior parte das obras portuárias, sobretudo a abertura de ruas e a construção de novos prédios, calçamentos, etc., ocorreu, entretanto, no período de Dantas Barreto, que assim apareceu, aos olhos

# PRÊMIOS ACADÊMICOS

Lemos recentemente uma entrevista concedida pelo almirante Lacaze a um jornalista parisiense, e certo trecho dessa entrevista nos deixou uma impressão que aqui comunicamos ao leitor.

O almirante Lacaze é um homem de noventa anos de idade, veterano de várias guerras. Quando a Academia Francesa desejou prestar sua homenagem aos heróis que haviam encontrado a alma da França na reação contra a Alemanha de Guilherme II, acolheu-o a seu lado, foi o almirante Lacaze o representante da Marinha que ela escolheu. A esse propósito, disse o velho marinheiro ao jornalista que o ouvia: "Entrei para a Academia em 1926. No ano anterior havia sido escolhido para a Academia das Belas Artes. De resto, nunca publiquei li-

vro nenhum. Meus escritos limitam-se a algumas cartas-prefeitos. E quanto às artes plásticas, ainda menos as tenho cultivado. A Academia de Belas Artes, chamando-me ao seu lado, quis recompensar os esforços que fiz para a fundação da Vila Velasquez."

Embora seja uma revelação curiosa essa que faz o velho almirante — a de ter sido eleito para a Academia sem nenhum livro — não é isso o que aqui nos interessa na sua entrevista. O que nos interessa nela é outra revelação que faz o venerando marinheiro: a esta se prende a crise que atravessam os prêmios da Academia Francesa. Crise de mediocridade, crise de pobreza extrema, realmente.

E o almirante o encarregado dessa parte do patrimônio da instituição. Cabe-lhe, portanto, assinar os che-

ques dos prêmios. "Que prêmios, vergonhosos!" exclama ele.

Com efeito, os prêmios da Academia Francesa, hoje são ainda os mesmos que se achavam fixados antes da guerra de 1914. Calcule-se, por aí, a insignificância que representam. O almirante conta que, recentemente, assinou um extremo vexame, ao ter de assinar um cheque — um cheque de 100 francos — para um dos premiados. Tal é o contraponto da situação. O prêmio esse estado de coisas, que ele gostaria ver a supressão dos prêmios em dinheiro, sugerindo que fossem substituídos por medalhas, por qual quer outros símbolos — contando que fosse aquela impressão de que as lauras concedidas pela Academia representassem merecimento e mistério.

Tal é a situação na Academia Francesa.

Se na Academia Brasileira não se apresentam tão mesquinhos os resultados, é igualmente deplorável o estado de trabalho intelectual remunerado com tais parcos, as insignificantes somas, que atualmente a Casa de Machado de Assis distribui.

Esta é, como se sabe, um prêmio anual de coronamento de obra — o Prêmio Machado de Assis — no valor de dez mil cruzados; e nove prêmios de quatro mil cruzados, distribuídos pelos vários gêneros literários.

Outra, nenhum desses prêmios está a altura de uma instituição de prestigio nacional, como é a Academia Brasileira de Letras.

O Prêmio Machado de Assis que é o melhor dos dez, ainda assim está longe de preencher as suas finalidades e os selamos insignificantes, quando comparados com tantos outros já existentes no País, muitos deles criados por instituições particulares, e constituídos de somas duas, três, quatro vezes maiores do que aquelas que forma o prêmio acadêmico. Quanto às outras lauras — O Prêmio Otávio Figueira (para Poesia), o Prêmio Almeida Faria (para Contos), o Prêmio Ruy Romero (para Crônicas), etc., etc., etc., chegam a ser ridículos, pois é evidente que, com os quatro mil cruzados, que cada um deles representa, o autor favorecido não terá sequer a edição de sua obra parafusada.

Considerando tudo isso, há motivos de boa vontade que devam corrigir as imperfeições do sistema atual.

A nosso ver, haveria uma forma inteligente de converter essas obras erradas de coisas. Uma vez que as fundações da Academia não comportam a fácil maioria das verbas destinadas aos prêmios, então que se suprimissem (continua na página 102)

do povo, como o transformador da cidade do Recife, quando o crédito das realizações civis de seu governo não deve ter ido adiante do calçamento de algumas ruas, no centro urbano, como Imperador, Nova Imperatriz e Aurora.

Ainda nesse ponto, os acontecimentos o favoreceram. Antes do Dantas Barreto, não havia no Recife sequer calçamento antigo, de pedras irregulares, sem o tratamento do lito da rua. De seu tempo é que datam os calçamentos excelentes que o Recife possui. A razão é fácil de explicar. Recife não tinha serviço de esgotos à altura da importância da cidade e os governantes dotados achavam que se não devia iniciar o calçamento antes de realizados os serviços do saneamento. Estabelecida e aceita essa prioridade, havia que contratar o serviço de saneamento e água da cidade. Coube a Hercúlio Bandeira essa tarefa, que foi executada, por intermédio do grande Saturnino de Brito. O início das obras ocorreu ainda no período desse governador, mas a sua conclusão, e sobretudo a utilização dos serviços de água e esgotos veio a ser efetivada já no quinquênio Dantas Barreto. Ainda nesse ponto, era ao seu nome e ao seu governo que se atribuiu o merecimento de serviços tão importantes. Mas um argumento para a tese de que sustentam que de sua administração é que se deve contar o progresso de Pernambuco.

A Dantas Barreto coube, entretanto, a iniciativa da eletrificação do serviço de bondes, obra começada e concluída dentro de seu quinquênio. Em sua defesa, devemos dizer que não foi láda sua essa bota de 1 metro, que tantas dificuldades viria criar à renovação do material de tráfego. Pelas informações que tenho encontrado, deve-se essa orientação ao engenheiro Coutin, homem, aliás de conhecida capacidade, mas que pensava em uniformizar as botaes em Pernambuco, para que os trens de Great Western pudessem chegar até o cal do porto. Ao que parece, a bota de 1 metro figurou nas condições da concorrência; hoje para a modificação desse regime, haveria que despendir perto de cem milhões de cruzados, pois que equivaleria a construir toda uma nova via permanente, numa extensão de cerca de 150 quilômetros.

O que é certo é que Recife tomou rápido desenvolvimento, a partir das obras do porto e do saneamento. No período de Dantas Barreto é que se fizeram as grandes avenidas do porto, o calçamento das ruas do bairro comercial, o calçamento das ruas centrais de Santo Antônio e da Boa Vista; no seu quinquênio ainda é que se começou a sentir o benefício do novo serviço do saneamento e do abastecimento d'água. Ainda no tempo de seu governo correram os bondes elétricos, ficando diversas ruas da cidade, e foi instalado o serviço da Assistência Pública. Daí a impressão deixada pela sua administração e a popularidade que ainda agora, o seu nome encontra na comemoração do centenário de seu nascimento. Pode-se dizer, ainda agora, que Dantas Barreto continua popular no seu Estado natal.

## AUTORES E LIVROS

Propriedade de MUCIO CARNEIRO LEAO

### ASSINATURAS

Assinatura anual com registro ..... Cr\$ 45,00

### FASCÍCULOS AVULSOS:

Dois Volumes da 1ª fase (I a VIII) ..... Cr\$ 50,00

Dois volumes IX e X ..... Cr\$ 5,00

Do volume XI ..... Cr\$ 4,00

Brochura dos volumes IX e X ..... Cr\$ 100,00

### NÚMEROS ATRAZADOS

Avenida Almirante Barroso n.º 72, 13.º andar Telefone 22-9981

Ramal 5, Tratar com Sérgio Pinheiro.

### Endereço:

Rua Fernando Mendes, 7 — 12.º and. — 37-9527

RIO DE JANEIRO — BRASIL

IMPRESSO NAS OFICINAS DA IMPRENSA NACIONAL

## "SÃO PAULO"

COMPANHIA NACIONAL  
DE SEGUROS DE VIDA

Sucursal no Rio de Janeiro — AV. RIO BRANCO, 173, 10.º

### DIRETORES

Dr. José Maria Whitaker

Dr. Erasmo Teixeira de Assunção

Dr. J. C. de Macedo Soares

## AÇÚCAR DIAMANTE

O MAIS PURO  
O MAIS ALVO  
O MAIS SECO

DISTRIBUIDORES EM TODO O BRASIL:

Companhia Geral de  
Melhoramentos  
em Pernambuco

ESCRITÓRIO: RUA DO BRUM, 85 — CAIXA POSTAL 257  
RECIFE

INSCRIÇÃO N.º 64 — RIO FORMOSO  
PERNAMBUCO



# UMA ILUSTRE FIGURA DO IMPÉRIO: O CONSELHEIRO SOARES BRANDÃO

## Notícia sobre o Conselheiro Soares Brandão

Sorriu no engenho Santana, Jaboticatubas (Pernambuco) a 31 de outubro de 1842, e era filho de Francisco Pedro Soares Brandão e D. Maria Rêsa Gonçalves da Rocha. Formou-se em Direito pela Faculdade de Recife em 1861. Foi advogado, redator de *A Província*, de Recife (1868); deputado geral (1878); senador do Império (1882); pernambuco (1882); ministro dos Recursos no gabinete Lafayette (1900). Presidiu as províncias de Alagoas, Rio Grande do Sul e São Paulo. Teve o título de Conselheiro do Império, pertencendo ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Foi fundador do Instituto Arqueológico de Pernambuco. Foi agraciado com o comenda da Ordem de Cristo da Águia Branca (da Rússia), da de Leopoldo (da Bélgica), com o título de Libertador (da Bolívia), e com o de *Revisita do Instituto Arqueológico e Geográfico Pernambucano*, de Recife, 1863 a 1872 presidente dessa instituição.

continua-se, em parte, nos Anais do Parlamento do Império.

Em 30 de outubro de 1940 realizou o Instituto Histórico uma sessão para celebrar o centenário do Cons. Soares Brandão. Fêz então uma conferência acerca do ilustre brasileiro o filho do Instituto Henrique Carneiro Leão Teixeira Filho. Foi depois editado o volume:

*Centenário natalício do Conselheiro Francisco de Carvalho Soares Brandão. Separata do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Imprensa Nacional, Rio, 1941, 82 pág.*

Contém, além da conferência de Henrique Carneiro Leão Teixeira, valiosos anexos, como um artigo de Joaquim Nabuco, dois artigos de Oliveira Lima, um artigo de Ulisses Brandão, um discurso de Humberto Pôrto e outro de Augusto Pinto Lima (todos referentes a Soares Brandão ou a Dona Maria Ana) e o retrato do estadista pernambuco e sua esposa.

Escreveu:

*Discurso proferido na sessão magna do 14.º aniversário do Instituto Arqueológico e Geográfico Pernambucano, e mandado publicar por seus amigos. Recife, 1877, 28 pág.*

Há de sua autoria outros trabalhos — discursos, relatórios, etc. — en-

que ficou sendo ainda depois de des-  
ta toga.

Em política, entregue a si só, ele seria o tipo do homem bem educado, do imparcial, equânime; e política, porém, não admite que ninguém conserve intacta a sua índole e natureza. O político deve ter o temperamento médio do seu Partido, e a vocação de Soares Brandão, sua marca, era a política. Ainda assim, ele só fez as concessões que não pôde evitar, e na atmosfera tão viciada da luta provinciana, só se afastaram dele os exaltados, para os quais possuía sempre por ganhar pelas suas relações de família com os Regos Barros e de amizade com os Sousa Leões.

Nesse tempo, os artigos do moderado e credido amigo de Vila Bela, na Província mal se distinguiram da linguagem apaixonada, e vemente dos outros redatores. Muito trecho seu de caráter o horripilante hoje que ele se sente cada dia mais afastar naquelas tempos... não tanto, tenho esperança, que se vá inclinando a escola da qual suponho ter sido eu quem descobri o fundador, o mestre incomparável, em Gomes de Campos, barão de Campo Grande que julgava prematuras todas as reformas e inovações introduzidas em nosso sistema político desde a Independência, inclusive a própria Independência. A associação forçada do Partido, a timidez natural dos provincianos diante dos homens e das coisas da Corte pela veneração que traziam e que só desaparecia quando por sua vez adquiriam, nos olhos da província, o prestígio de personagens do Império, a época agitada em que entrou para a Câmara, a dissolução intestina dos partidos que produziu, pelo seu fracionamento em grupos pessoais, a decadência do Governo, onde no apogeu do Império só apareciam as capacidades e as influências não consentiam que ele se encaixasse em política todos os seus traços, alguns dos quais trouxeram para o Partido, da época, dos acontecimentos.

Por isso sua individualidade não teve tempo de afirmar-se e de ser conhecida e foi inteiramente no retratamento, formado dos anos que se seguiram à queda do Império que o seu espírito, isolado do meio político, redigiu a obra nativa que a política partidária sempre destrói, e chegou a toda a sua livre expansão...

Nesses anos foi ele mesmo um a conhece-lo intimamente e posso dizer que não conheci o seu igual... Não há em suas afinidades dessas inexplicáveis incorrências que fazem com que o homem aspire, por assim dizer, ao mesmo tempo, a subir e a cair. Não se formam precipitados em sua natureza íntima: toda ela, sob qualquer reativo, fica transparente e cristalina. Também sua vida pessoal se tornou de marfim do seu primeiro e único ideal: ele colocou sua ambição de mando em um sonho tão alto que, realizado, foi para ele o perpétuo encantamento...

Vivemos muito perto e muito juntos, estes últimos seis anos, meu querido Brandão, e o que acabou de imprimir não é um efeito instantâneo, e a placa exposta dia por dia ao mesmo objetivo e dando sempre a mesma imagem... Muita vez temos divergido, nossa atração política não tem sido ultimamente a mesma, a sua e a cada vez mais para o passado, a minha é antes para me conciliar com os novos destinos, quaisquer que eles sejam, do novo país. Na sinceridade da nossa convivência diária, essa diferença há anos se acentua em discursos sem fim... Nenhum melhor do que V. pode atestar a transformação insensível do meu espírito, que se reflete em *Belmacedra*, na *Intervenção Estrangeira*, em *Um Estadista do Império*, porque a acompanhou por-passagem em nossas conversas íntimas. Para mim como entre minhas felicidades a nossa convivência em um período em que a amizade figurava-se nos a símbolos como o cumprimento do novo último dever público. A sorte pelo mundo interrompeu essa fluída, chamou-me à atividade, à mobilização patriótica, fez um apelo ao mesmo tempo à minha consciência e ao meu pessimismo, leu-me uma página do *Arfion*, clou-me a máxima de Burke: "os deveres não são voluntários", e assim durante um largo intervalo, se Deus me der vida, não nos comunicaremos senão pelo telegrafo sem fios de duas memórias antigas que se procuram nas mesmas reminiscências e se encontram na mesma saudade... Eu me contentava bem, entretanto, com o exemplo que dei, e quisera que me fosse poupada, depois dele, a expatriação: antistatista na liberdade que conquistei de servir o meu país sem cativismo algum partidário; o ser-me lido faz-lo quando o entendesse, com o menos de má fé... Infelizmente é nas vésperas da partida que escrevo estas linhas, com este inexplicável sentimento — o inverso talvez do de Bruto ao deixar Marcelo no desterro



D. Maria Ana Paes Barreto, depois Madame Soares Brandão. Retrato da mocidade.

...nem sibi se magis in exilium iri quam illam exsile relinqui: parecendo-me que não sou tanto eu, que parto, como V. que fica, o verdadeiro expatriado. De geração em geração? ... triado. Até quando será assim? Até

O país, porém, esse, não morre, e ficará é eternamente olhando para os monarquistas patriotas, como o grande rio para as estínges meio enterradas na areia do deserto? (Escritos e discursos literários)

## Soares Brandão na evocação de Oliveira Lima

— Uma carta de Oliveira Lima —

"O rifão de que ninguém é profeta na sua terra, deve ser tido como um dos mais certos da sabedoria popular. Conheço uma infinidade de casos e um deles é o do conselheiro Soares Brandão. Ele recebeu na verdade os mais altos testemunhos da estima e consideração dos seus contemporâneos, mas porque no seu tempo de homem público havia partidos organizados cuja soberba resistia à disciplina individual formulada pelas ambições: chefes permanentes que sabiam avaliar os serviços prestados e ajudar da capacidade dos seus correligionários, e por cima desta hierarquia partidária, um soberano justiciero e magnânimo como o foi Dom Pedro II, exercendo sem preocupações, estímulos e posses, que eram por si alheias à majestade das suas funções, o papel de árbitro superior, distribuindo a censura aos que a mereciam e conferindo o galardão aos que deste se mostravam dignos. A censura implicava o ostracismo, o galardão o poder naquela atmosfera de ordem em que primava a organização.

Não faltaram pois honras nem cargos ao conselheiro Soares Brandão: o que lhe faltou, bem, como ao conselheiro João Alfredo — cuja popularidade data da Abolição, a que presidiu — foi a exata apreciação pelo comum da gente da sua terra da superioridade, da sua inteligência. Não se dispensava, quer a um, quer a outro, todo o valor que lhes cabia. Francisco de Carvalho Soares Brandão foi um homem de grande cultura, de ostível sagacidade política, de larga visão pública e de extrema tolerância. Esta tolerância tanto provinha dos seus princípios, como do seu coração, que resumbrava bondade. Não havia mais perfeito cavalheiro, amigo mais leal, homem de família mais completo, caráter em suma mais formoso. Seria o caso de tratá-lo de fidalgo de raça, se não fosse a triste reputação que de si deixaram tantos fidalgos.

Joaquim Nabuco, que depois da República teve ensaio de conviver muito mais e intimamente com Soares Brandão, morando na casa ao lado da sua, escreveu-lhe de freqüente, e não fosse a triste reputação que de si deixaram tantos fidalgos.

em que escreveu, entre outras coisas, que o Imperador destinava Soares Brandão à presidência do Conselho e dispensava-lhe a mesma igual ao que tributava ao conselheiro Sarvaia. Ora, observava Joaquim Nabuco, o Imperador raramente se enganava em relação aos homens. Por outro lado ninguém ignorava a importância de que no regime parlamentar se reveste a presidência do Conselho de Ministros, isto é, a chefia responsável do Poder Executivo.

Em Pernambuco só os amigos, e talvez nem todos, formariam conselho idêntico da sua comprovação. Vila Bela, o chefe liberal, compreendia-o porém ao adivinhou-lhe o valor e chamou-o a si. Soares Brandão foi pouco disputado pelo liberal e em 1889 entrou para a Câmara geral, onde se distinguia pela sua circunspeção, timor e opacidade. Seu feitiço era avesso a quanto fosse espetacularidade. Durante o septênio liberal, de 1878 a 1885, Soares Brandão foi presidente das Alagoas, do Rio Grande do Sul e de São Paulo, Ministro dos Negócios Estrangeiros, no gabinete Lafayette, e senador do Império, recolhido numa lista triplíce em que tinha como companheiros, de que se podia orgulhar, Epaminondas de Melo e Manuel Portela. O pessoal político daqueles tempos avançava-se manifestamente aos de agora. Mais tarde foi ainda Soares Brandão conselheiro de Estado extraordinário e reitor da Imperatriz. De seu natural era pouco aulico, mas mesmo nos cargos de Corte não negava a colaboração da sua compuntura e do seu tato.

Um senador vitalício passava a residir naturalmente no Rio de Janeiro, e Pernambuco foi esquecendo o filho ilustre por quem nunca professava o mesmo entusiasmo que dedicava a outros que o não valiam, mas na cultura, na sua virtudes, nem nos serviços. Na alta roda política e social da Corte o prestígio do senador pernambuco não se deixava impondo cada dia mais, não pelos artifícios do luxo e de uma urbanidade postiza que desde até à familiaridade, mais realçada pela natural distinção e viva inteligência da sua esposa.

Pelos seus predilectos intelectuais e morais era ele uma das "donas" de tempos idos "de que o Brasil pode ter tido mais legítimo orgulho. A Bra.

## Soares Brandão na evocação de Joaquim Nabuco

Uma carta de Joaquim Nabuco

Devo à amabilidade do escritor desta série e à do Diretor d'Arfion o privilégio concedido a amizade, de sei eu quem de o traço do conselheiro Soares Brandão, na galeria dos moldes de estrangeiros que esta folha está publicando. O que lastimo é não me ter ocorrido pedir igual favor em relação a Vila-Bela (Domingos de Sousa Leão), de quem Soares Brandão polidamente procede, como eu, com a diferença que ele não recebeu do novo país um amigo o *fieri* para um par de meses, recebeu também o maior e firme o temperamento. Sem Vila-Bela eu de certo não teria entrado para o Parlamento e não teria tido carreira política sob a Monarquia Brandão, porém, mesmo sem ele, não creio da mais tarde, teria chegado à Câmara, ao Ministério, ao Senado, ao Conselho de Estado, e, combatendo um pouco a sua modestia, à presidência do Conselho, para a qual, pelo menos Sarvaia, que pensava muito como o Imperador, dentro de alguns anos mais a indicaria de preferência a qualquer.

E que as qualidades que lhe valeram a confiança de Vila-Bela lhe tenham conquistado a de todos os outros

chefes com quem ele servisse, como conquistaram a do Imperador, "Senhor Soares Brandão, disse-lhe uma vez Martinho Campos, quando presidente do Conselho, não sei o que o senhor fez no Rio Grande do Sul, que sempre que trato de nomear presidentes, o Imperador lembra-me logo o seu nome". O que ele fizera, é muito simples, dizer: fiz-me combater. A providência do Rio Grande do Sul pela influência de Silveira Martins, a quem o ligava sua admiração pessoal e sua gratidão pernambucana de leão, fora a pedra de toque do seu qualite político, das suas qualidades essenciais, como: a lealdade ao Partido, dentro, porém, da lei da equidade; da autoridade moral do munus publicum que exercesse; e a estabilidade, indulgência e condescendência, natural de homem do mundo até o limite da sua responsabilidade, da compreensão do seu mandato; da dignidade de ministro; a cortesia que não diferenciava povos, amigos, e, espontânea, em todas as circunstâncias, a reserva, o critério, o sangue frio o sentimento apurado da honra, a dedicação aos amigos, a sinceridade, na palavra e no silêncio, a prudência, o ânimo conciliador, o espírito arrolar, de juiz



Conselheiro Francisco de Carvalho Soares Brandão. Retrato da maturidade.

# UMA ILUSTRE FIGURA DO IMPERIO: O CONSELHEIRO SOARES BRANDÃO

D. Maria Ana Pais Barreto, neta do marquês do Recife e sobrinha do conde da Boa Vista, era uma personalidade a quem Thomas Ribeiro, em Lisboa, quando era o visconde de Albuquerque, e D. Jaime, príncipe público tributo nos seus versos, celebrando-lhe o encanto que não provinha apenas da sua formosura mais da agudeza do seu espírito.

No Rio, Cardoso de Menezes (Pernambuco) foi até a morte um dos seus mais fervorosos admiradores. Não posso que Soares Brandão tivesse jamais tido inimigos, não pela razão apontada pelo Marechal espanhol Narváez, de que tal ausência se explicava pelo fato de tê-lo mandado suicidar, mas porque a sua bondade e desmama. Tão sim, muitos invejosos, da felicidade do seu lar, da consideração inatável que destruíam, das posições que facilmente conquistou, muito mais pela equidade e ponderação dos que dirigiram a Nação do que pelo fator popular, que nem sempre move uma justiça. Entre estes que atassalhavam seu merito, incluindo talvez, como que envenenavam da má fé, os que desprezavam seu talento que arribava no campo do Direito, no da História e no da Ciência da Administração, sem desdenhar a literatura de imaginação.

Eça de Queiroz, que tantos admiradores contava no Brasil, não tinha um crítico mais feroz do que Soares Brandão, o qual podia repetir de cor páginas do mestre da ironia; outro tanto acentua com A. de Siqueira e Saldanha de Barros Figueiredo, este ferozmente vivo, que foram vultos distintos do nosso Parlamento sob o regime imperial. Lembrou-me de que até os versos nefelíticos, quando entraram a aparecer, prenderam sua atenção. Ninguem gozava mais de uma boa piada, de um dito de espírito. Esse homem de um dia também de poeta.

Seu lar era variado ao mesmo tempo que a expressão era suave. A barba muito cerrada, quando encurtada, passando de um preto de aneviche a um branco de neve, aguçava uma vista de malícia, neta, a sua expressão calma, atrevida, reservada, simpática, até os exageros convencionais que hoje e tão costume por-se no traço para o tornar mais fino, e que apenas servem para diminuir-lhe a sinceridade e a distinção. Nem as suas condutas, denotadas expressas, conseguem emprestar veracidade a um rosto que, no olhar, como no sorriso, projetava sinceridade. Pelo mais feliz dos conselhos, a dignidade, tanto de maneiras como de pensar, que era nele um culto, não se desprezava aquela amabilidade, que era incomparável.

Antes que precedentes eram por assim dizer insignificantes, a sua personalidade. Soares Brandão quanto a eles não variava; era sempre o mesmo em todas as ocasiões, recebendo diplomatas ou pretendentes no seu gabinete de ministro, dando consultas jurídicas no seu escritório de advogado, discutindo na tribuna do Senado ou presidindo sua mesa hospedeira. Porque a casa do conselheiro Soares Brandão continuou depois da República a ser o ponto de reunião social dos pernambucanos; naturalmente dos amigos do antigo regime, ao qual ele permaneceu fiel sem ostentação, ou dos que colocam o sentimento nacional acima dessas questões em suma secundárias de formas de governo e portanto mesquinhas ao lado da grande vibração patriótica.

Soares Brandão, como era a tolerância em pessoa, admitia todas as opiniões e a única resposta, ao exigido que lhe respeitasse, também as dele. A morte tem ido carregando os frequentadores assíduos daquelas tertulias: os irmãos Barros Cavalcanti de Lacerda, um dos quais, Adolfo, foi presidente de Pernambuco; Luís Felipe de Sousa Leão, Dr. Morais Sarmento, senador Barros Barreto, Nabuco, o coronel Brito, o Rego Macedo, vários outros.

Nunca ouvi da boca desse homem superior pelo seu tacto, pela sua benevolência e pelos primores do seu espírito, a mais leve palavra ofensiva para o regime a que não aderira. Julgava os seus erros — todos os regimes os cometem, a questão é de proporção — mas não se julgava autorizado a tratá-los com a acidez de um publicista. Na mesma censura ele punha a compunção tomada de um senador romano, daqueles a quem o bárbaro gaulês punava incontinentemente a barba.

Na intimidade, conversando e discutindo entre amigos, descobria-se o parlamentar traquejado nas lides oratórias, com a diferença que se despia de qualquer eufemismo, ao exigir-se e revestia uma deliciosa simplicidade, que era além sua principal característica. Simplicidade nos modos, simplicidade nas palavras, simplicidade nas ações, porque sua alma era sem reservas, era a alma do varão justo por excelência, em quem se não encontrava um defeito.

Soares Brandão, depois da República, exercia a profissão de advogado e não lhe faltavam causas. Seus dois filhos, casados em S. Paulo, onde tinham feito parte do curso acadêmico, com filhas de conde do Funchal se radicaram como fazendeiros, mas o espírito da casa permaneceu pernambucano, numa expressão mais elevada ainda do que a comum porque despidia de preconceitos, de melindres, de agressões filadas em tal ou qual ocorrência, numa compreensão candida e equânime do sentimento regional dentro do credo de atração nacional.

Parnamirim, 13 de maio de 1919. — (a) Oliveira Lima.

## Uma senhora

"Pessoas há que esboçam um sorriso de malícia quando ouvem falar em aristocracia no Brasil. Entretanto esta aristocracia foi um elemento social da nossa história, assim como da história da América Espanhola, pelo que a ironia é descabida. O meu erro é talvez o verdadeiro: a féaldade para a democratização aperceba tão grande que chegou a atassalar o trono. A falta de tradições próprias, porque na época colonial as tradições eram reflexas, e no período imperial eram convencionais e não tiveram tempo para condensar-se; a mesquagem, justa a falta do preconceito de que determinando o nível das classes; a subsistência da instituição servil, dividindo a comunidade em duas grandes seções, livres e escravos, e dando a liberdade essencial for os bastantes de superindústria, até que a Abolição produzisse uma exaurida que debaixo saçou até os senhores tudo concorria para hostilizar e anular qualquer aristocracia.

Procuro todavia uma expressão para qualificar a senhora que há poucos dias faleceu no Rio de Janeiro, e não encontro senão a de grande dama. E que as há ou houve na nossa terra. Essa senhora chamava-se D. Maria Ana Soares Brandão, e era viúva do senador do Império, Francisco de Carvalho Soares Brandão, que no reino monárquico, tal qual permitiam as leis, sem especulações, sem declarações, sem contradições à sua natureza discreta e fidalga, foi ministro dos Negócios Estrangeiros e presidente das províncias de Alagoas, Rio Grande do Sul e S. Paulo.

Em S. Paulo se casaram na illustre família Belloch e são fazendeiros no Juazeiro dos distintos filhos.

A Sra. D. Maria Ana pertencia à família Pais Barreto; sobrinha neta do marquês do Recife, o famoso morgado do Cabo que o Imperador Dom Pedro I nomeou presidente em 1824, em oposição a Manuel de Carvalho Pais de Andrade, presidente eleito, tal se originando a Controvérsia do Equador, a sobrinha do conde da Boa Vista o grande administrador a quem Pernambuco vai dentro em poucos meses erigir uma estátua pelos inusqueáveis serviços que lhe prestou no governo.

Dotada da peregrina inteligência, tão inteligente quanto formosa, e sendo recebido esmerada educação, completada por uma residência na Europa, onde logo ao limiar recebeu o tributo poético de Thomas Ribeiro, a Senhora D. Maria Ana foi uma das elegantes do Recife de 1868, um Recife em que havia elegância e vida de sociedade. Era o Recife das litografias de Schläpfer — um Recife cujo bonito teatro só servia para representações líricas e dramáticas, e não para exhibições de transformações estranhas de rostos de variedades, fúndes, aquelas a que os cavalheiros iam de caçaca e as damas de vestido decotado; um Recife em cujas ruas, sempre mal calçadas, ressoavam as largas cabeças, das rudes lanternas de praça, formadas de pedras e gualdas por um boletiro alado; um Recife onde não havia cinemas nem café-concertos, mas havia a noite perdida em que se jogavam o volante e a manilha, se tocava, se cantava, se dançava, e o chá era servido em vassouras de porcelana da Índia fumegando entre guillemes variadas, disputas sobre imensas bandejas de prata do Fôro que eram precisos dois copeiros para as carregar; um Recife de qual era feição saliente a convicção que tinha, um culto combinado de cerimônia e de despretensão, de familiaridade e de gravidade, característico da alta roda em toda a parte.

Uma vez casada, a Sra. D. Maria Ana passou prestes a viver no Rio de Janeiro, para onde a política removeu o marido como deputado geral e depois senador escolhido de uma lista tripartite em que figurava com Esmirnodas de Melo e Manuel Portela. O conselheiro Soares Brandão, a quem Joaquim Nabuco prestou o preito mais enternecido e mais ardente do seu espírito liberal, era um homem de real



Mme. Soares Brandão, em companhia de uma sua filha.

valor. A extrema urbanidade, filha de um coração nobilíssimo e por isso mesmo despidia de qualquer afecção, dele se casava com uma notável agudeza intelectual, sempre calma porém reservada. Como era simples, moderado e generoso, não lhe davam no geral todo o crédito que ele merecia e alguns o classificaram entre os mediocres, quando de fato, pela compreensão e pela ilustração, fazia parte do secol dos nossos dirigentes.

Joaquim Nabuco escreveu que o Imperador, que possuía um vasto conhecimento dos homens, tinha em Soares Brandão na mais alta conta e via nele um segundo Saraiva — um homem com a mesma ponderação e o mesmo desinteresse, mas com a mesma amabilidade e distinção motivadas.

Dessa maneira admirável foi a senhora Maria Ana a esposa, a mãe, a dedicada e da lãctio, ajudando na vida pública dentro da sua esfera mansueta e não descurando por isso o seu lar, centro de carinhosas boas-vindas. Na dos traços das nossas senhoras de antanho era saber-se dirigir suas casas com uma atividade e uma energia que hoje antes se dispensam no terreno da frivolidade, e no entanto elas não deixavam de praticar os seus deveres de sociabilidade.

frequentando teatros e salões, recebendo e visitando.

Quando se proclamou a República, a família Soares Brandão viveu na casa da rua...

no Conde de Albuquerque...

Quando se proclamou a República, a família Soares Brandão viveu na casa da rua...

Quando se proclamou a República, a família Soares Brandão viveu na casa da rua...

Quando se proclamou a República, a família Soares Brandão viveu na casa da rua...

tão ignorado e contudo sugestivo e edificante.

res Brandão era inabastável e por isso era tolerante, dado o feição do seu caráter. Não queria influir sobre as convicções alheias; bastava-lhe saber que as suas resistiam ao tempo que na sua vida sempre houvera coerência, a coerência da honestidade e da virtude. A Sra. D. Maria Ana era mais intrínseca, porque nela a sensibilidade era mais vibrante, de uma vibração sempre elevada e bendita. A República não encontrava ninguém que os seus olhos como registo, mas não fazia alarde dos seus sentimentos. Retirava-se de um meio em que se sentia deslocada, e deixava que lhe fossem render homenagem os amigos que se compraziam na sua intimidade e apreciavam o seu espírito tão fortaleza e da caridade, de nobreza e de simpatia.

(a) OLIVEIRA LIMA.  
Parnamirim, Junho de 1919.  
(Do Estado de São Paulo, de 9 de agosto de 1917. Do jornal do Recife, de 10 de outubro de 1949).

## Uma dedicatória de Abreu e Lima

Mme. Soares Brandão impôs-se sempre às rodas sociais do Rio de Janeiro como uma senhora de maior inteligência e de maior cultura. As impressões que sobre ela tem Oliveira Lima, em trabalho que vai tramando em umas de nossas páginas, a etérea correspondência que com ela, depois da morte do conselheiro Soares Brandão, mantém Nabuco, são duas provas do grande espírito que possuía, a ilustre dama pernambucana.

Podemos dizer que essa dama de letras e de letras, Mme. Soares Brandão, foi uma das mais importantes figuras da nossa sociedade...

Podemos dizer que essa dama de letras e de letras, Mme. Soares Brandão, foi uma das mais importantes figuras da nossa sociedade...

Podemos dizer que essa dama de letras e de letras, Mme. Soares Brandão, foi uma das mais importantes figuras da nossa sociedade...

## Cartas de Joaquim Nabuco ao Conselheiro Soares Brandão e a D. Maria Ana Soares Brandão

Rio, 3 de março de 1899.

Meu caro Brandão,

Não quero que você saiba, pelos jornais que acetei o encargo de defender a nossa causa na questão da Guiana Inglesa. Você compreenderá que obedeci a um escrúpulo patriótico e faço um jocosíssimo sacrifício, embrenhando-me depois da Vida de meu Pai pelo Tocantins e Rupununi. Num serviço desses seria impróprio de mim tocar uma incompatibilidade política acima da qual o governo fôra o primeiro a colocar-me. Foi sabendo-se de minhas ideias que fui convidado, e foi afirmando-as que acetei. Não há aqui nenhuma transição para asquinhalar um ato depois do qual eu poderia morrer com a consciência tranqüila. Procedi como o homem livre que só tem medo dele.

E com profundo pesar que o deixo. Tudo evidenciado para que nossa audácia seja curta. Como eu quisera guardar esta casa! Mas minha mãe não quer ficar nela. Prefere tomar um andar de Nené para estarem mais acompanhadas e Sinhazinha poder sair mais a mludo. Parto com fé viva que a tornarei a ver ao voltar, para então não a deixar mais. Quer isto dizer que nesta casa estamos todos transformados e cada um em guerra

contraigo mesmo pelo as heróico que vai praticar em tal separação. Recomende-nos muito a dona Marquês, dona Sofia, Maria, Francisco e João e creia-me seu.

Verdadeiro amigo

JOAQUIM NABUCO

Rio, 30 de fevereiro, 1899.

Caríssimo Brandão,  
Dona Marquês (1) aqui esteve e não deixou boas notícias suas. Parece que Petrópolis lhe está descobrindo como costume antigo. Afinal de contas não há como a rua de Olinda. Você talvez se esteja excitando com a atmosfera e a temperatura toda impregnada de esperanças e expectativas da visitação, que aqui pelo contrário lhe era tão depressivo e pessimista, ou antes fatalista.

Há dias acordou-me aqui um telegrama do Phipps (2) convidando-me para ir passar uns dias com ele. Eu quisera bem, também para continuar de férias de você, mas o que Mme. Vidal não fêz, desquite que o meu amigo Phipps não poderá fazer. Todavia são tantas para mim hoje as atrações (outras teriam sido tentações) de Petrópolis que é bem possível que eu por lá apareça. As saudades já co-

mecam tanto mais que quando voltarei são as nossas viciandas que provavelmente não de ficar fechadas por algum tempo (3).

Belle por mim a mão da marquês de Villalaz, lembre-me a bela Maria e a D. João (4). e me creia sempre caríssimo Brandão.

Seu muito certo

JOAQUIM NABUCO

(1) Dona Maria Ana Pais Barreto, esposa do conselheiro Soares Brandão.  
(2) Sir Constantine Phipps, ministro da Grã-Bretanha.  
(3) O projeto de ausência seria para uma temporada na fazenda do Piat, em Maricá, propriedade do barão de Itaboraí, sogro de Nabuco. Mudanças de planos, porém, com o convite do presidente Campos Sales para defender os direitos do Brasil no arbitramento resolvido entre os governos do Brasil e de Grã-Bretanha para se marcarem as fronteiras litigadas entre o Brasil e a Guiana Inglesa, convenceu que Nabuco acatasse por se tratar de missão inteiramente alheia à política e à administração republicanas.

(4) Maria e João Soares Brandão filhos do Conselheiro.





# Cartas de Joaquim Nabuco ao Conselheiro Soares Brandão e a D. Maria Ana Soares Brandão

antes de todos, e as sete crianças e as crianças de outras famílias, acasteladas também na grande parte que lhe tocou. O elo forte e inquebrantável da grande família que até o seu maior orgulho desapareceu, mas a memória dele fará durar intactos todos os propósitos do seu patriarado. Já experimentei esses sentimentos e seus três irmãos que infelizmente foram sobrevivendo, por quê, com a perda do momento em que eram chamados. Você e dona Sofia são, porém, por todas as razões os melhores juizes da simpatia que acabo de exteriorizar. Para a extensão do lado, a meu desejo uma tão completa felicidade como a que assistia a data de hoje.

Sei que sua pequena família está crescendo, e felizito por isso. Você e dona Sofia sabem por experiência que fonte de consolo e de felicidade os filhos são para os pais.

Como-me sempre sei  
muito efusivamente

JOAQUIM NABUCO

A DONA MARIA ANA SOARES BRANDÃO

Londres, 8 de agosto, 1901.

Minha cara dona Marooca,

Evelina escreveu-lhe no dia 21 de julho (tr) e eu pedi-lhe que lhe desse que eu lhe escrevia também. Contava então poder mandar-lhe um livro meu em que vêm aquelas palavras escritas sobre o Brandão. O livro só agora me foi entregue e dá a demora da minha carta de julho. Não quero saber melhor do que eu que não é mais sua filha aquela dia, que se há dias alegres não a ana para a senhora não é mais aquela. Assim é a vida. Consolando-se, pensando que, na vida, Deus derramou mais felicidade do que lhe couberam dos destinos humanos, e que mesmo essa sua felicidade atual, desde seu desejo de reunir-se ao objeto verdadeiro da sua existência, é ainda uma promessa de felicidade futura.

Agora o João deve estar casado, mas não sabemos ainda quando foi. Ele esqueceu-se de tudo mais durante a lua de mel e, como não a desejo curta, não me queixarei de que se prolongue o esquecimento.

E Maria? Ainda lembra de mim? Meu desejo seria voltar para si e viver de minha mãe e na minha terra, que sei estar atravessando a pior das surtes. Isso, porém, está nas mãos de Deus. O estado de minha saúde, se eu voltasse seria em poucos meses o que era quando eu vim, bem parecido com o que vi no nosso convívio este último. Brandão. Uma viagem de mar e uma residência em outro clima, talvez, talvez restitua-me a mim. Muitas saudades, de quem hoje não está nunca longe dos amigos verdadeiros, nem dos que se foram, mas dos que ainda lhe restam, porque eu não sempre do pensamento.

Esta vida diplomática não tem para mim o menor encanto, nem nenhuma outra vida que não seja a da saudade.

Que coisas tristes me chegam aos convívios, de toda a gente de nossa terra! Que impensados infortúnios! A pobre dona Ana já parece estar na mais completa desolação. E quanto como eu! Os meus amigos foram todos falecidos pela arte, como o pobre Antônio Carlos 12, que perdeu tudo! Eu, um, levei-me a todos da nossa terra, a quem possa ser agradável uma lembrança minha.

J. N.

(1) Aniversário de dona Marooca  
(2) Antônio Carlos Ferreira da Silva, amigo de Nabuco, um grande auxiliar nas eleições de quem escreveu em *Minha Formação*: "Aquelas poeiras que concieram para a vitória na luta anônima dos esquecidos... Quem conhecia... Antônio Carlos Ferreira da Silva então atropela guarda-livros em uma casa de Recife e que no entanto fez todas as minhas eleições abolicionistas?"

Wineux, 1 de set. 1901.

Minha cara dona Marooca,

Desta praia, onde viemos por causa das crianças, que bem precisam, mandei-lhe as nossas mais cordiais recordações do dia de hoje. Estamos acompanhados com o pensamento nas suas idas e vindas da rua de Oliveira a São João Batista e compreendemos que esteja bem viva para a sua, a saudade que também sentimos sem querer compensar. No seu último ano de vida o Brandão, posso dizer, de não ter sido a ideia de fazer uma viagem, de mudar de clima, antes que tomar tanto indulto. O que Deus faz, porém, está bem feito. Ele cumprirá sua missão até o fim e foi abençoado. Se tivesse vivido mais tempo teria talvez tido uma sorte mais

dura, porque há doenças que tiram todo o prazer de viver muito antes de levarem a vida. "O trabalho de decomposição, dizia-me o Tannay no curso da morte, é horrível", e a pior decomposição não é a física, é a moral, a que invade com a melancolia, o crônico, o tédio de tudo, e tortura o mais feliz e invejado dos homens um coração morto para todos os afetos, um espírito indiferente a tudo que não seja o feto processo da decomposição. Graças a Deus, o Brandão morreu ainda todo ele mesmo, o que fora para os que amavam, tal qual eu o conheci... A morte sem a decomposição física, nem muito menos a moral, é um benefício de Deus. Não vale a pena, ao melhor nunca se deve dissipar a vida com o risco da doença, a atingir até aquilo que faz o orgulho, a dignidade do homem, a sua perfeita integridade física. Antes a morte do que a degradação física ou moral. Morrer sem sofrer o contínuo sequer de zumbido é uma bênção da vida. Para o fim o meu Brandão parecia-me muito mudado do que sempre o achava, nos domingos em que lhe ia ler trechos da *Vida de meu Pai*. A elasticidade, a frescura, a jovialidade do espírito não a doçura e a amplitude do trato, o despreendimento de si, que continuavam a parecer os mesmos de sempre, estavam entretidos, ou interceptados por uma corrente contrária. Hoje estou convencido de que com uma pequena distração, como uma viagem, se se removesse qualquer motivo de ansiedade ou preocupação doméstica, não sei se teria alguma vez teria voltado a ser a alegria e vigor de expressão afetiva que sempre lhe couberam se se tratasse de amigos, quer das suas idealizações. Tantas as que eu poderia descrever-lhe todas! Lembra-se quando ele me disse que se fosse casado hoje eu diria coisas lindas, coisas verdadeiras a respeito, essa era uma das idealizações a que me refiro; tinha feito da numerquia, de todas as monarquias, desde o Czar até dom Carlos, outra das suas ideias prediletas; e a história penumbrosa e a aventura de um príncipe de Dalmácia, não lhe sobrevivia muito um dos desejos de que mais o fascinavam, não sei se não o fascinou tanto como a Saraiwa, — o Gampar. E assim vão todos! Placem as coisas! Adeus, minha cara dona Marooca, que todos os seus presentes e a sua lembrança me tornam um fardo de sua mesa. Saudades a ele.

Do Pr. mto. Am.

JOAQUIM NABUCO

Hala, setembro, 24, 1902.

Minha cara dona Marooca,

Deixei passar o dia de seus anos, e o dia triste do ano sem lhe escrever em um nem em outro, mas tudo tanta coisa que fazer e ter ainda por um ano! que todas as minhas obrigações saíam e todas as minhas dividas ficavam adiadas à espera de um momento inaproveitado, se posso reunir as duas palavras mortais, em que eu tenho um momento de meu. Hoje tenho um desatino fardado neste estado onde vim a pesquisar, e aproveito para mandar-lhe muitas e afetuosas lembranças. Sinto ver que a sua saúde d'uma maneira o mesmo. Como o nosso Brandão não reprovaria, se pudesse, esse constante desamparo, essa renúncia de tudo que Deus lhe está proporcionando como distração da sua saudade! "Não, Marooca, isso é demais", diz-lhe a ele com aquela doçura costumeira, como fazia sempre que a sua, exagerada e seu sacrifício por alguém ou alguma coisa. O tempo já devia ter elevarado a sua perda, minha cara amiga, e a teria feito, se não fosse o seu prazer em trabalhar, se não prazer é que não é direito. Na nossa idade é preciso tomar a morte dos que nos são caros como uma separação curta, e aproveitar o tempo para cumprir as últimas das filhas e netos, aumentando por todos os modos que pudesse a felicidade deles! Por morrer sempre ao tempo, a morte sem mais cedo do que se espera, e viver por outros, e por outros se são nossos filhos e estão neste mundo por nossa causa não pode ser em caso algum truíste, arrependimento das rudes paixões de nossa vida.

Quando eu sinto ver que a senhora não quer aceitar o seu terceiro estado com verdadeira submissão! Como solteira, a senhora foi a rainha das moças do seu tempo, gozou de uma realza, incontestável sobre um sem número de vassallos; casada, foi a rainha de um só vassallo, mas gozou também de uma realza, sem igual; porque não aceitar o seu terceiro estado, de viúva, gozar da vassalagem de seus filhos e netos com o mesmo espírito de reconhecimento aos favores de a Providência continua a acumular do-

bre a senhora? A senhora procede como se o Brandão não existisse mais, quando ele existe sempre, invisível, é certo, porém, (devenha ter esta esperança, sempre assista a morte, ao destino da sua, interessado nele).

Compreende-se minha cara amiga, do desejo dele, da lembrança do amor que lhe tinha e teria por toda a sua família e viva por ela, resignada à separação temporária, que Deus decretou. Não sei se quem melhor pode dizer estas coisas, é o Sr. Azevedo, que lhe pode abrir perspectivas sem número sobre a outra vida. Não estrague a dor que Deus lhe mandou, faça dela a sua ferramenta de cada dia para a perfeição da sua vida. Se uma discípula de seu marido, praticando um pouco a filosofia, a *sentença* de dele, como Evelina chamava, não é mostrar-se uma viúva "consolada", esquecida, portanto infeliz à sua saúde e ao seu amor; é mostrar submissão às duas vontades: a de Deus e a dela, em vez de se ceder ao gozo (porque a sua satisfação almeja) de entregar-se a sua própria vontade, e chorar-se a si mesma até a última até cair.

Até esta o meu pequeno sermão. Há dias tive bem mais notícias de minha mãe e pela forma do telegrama de Sinhazinha posso dizer que possui o golpe da morte dela quase. Intendi o telegrama como sendo um preparo para o pior, mas, como não era a própria notícia, supunho que um resto de divida me ficou sempre ao espírito, que me salvou da maior surpresa do golpe. Ouvir Carolina começou a experimentar o conteúdo, no interior. Imagino como não deve estar Evelina neste momento. A mim a separação dela custa muito, mas o sacrifício foi feito por causa dela mesma, para que viva e viva ingênuo algum tempo já que está na luz da terra.

O Sr. Bandeira (1) estava romancando a filha que estava no Convênio para ver as nossas crianças, e uma menina muito simpática e doce, ele é um brilhante conversador e um excelente rapaz. Muito se falou da senhora.

(1) Raimundo Bandeira, pernambuco, médico, espírito brilhante como tantos membros da família Sousa Bandeira, era irmão do escritor João de Sousa Bandeira e tio do poeta Manuel Bandeira.

Como vai Maria? Do João tivemos a participação do feliz sucesso que lhe deu mais um netinho. Suponho que o Francisco vai bem e dona Sofia. Deixo-lhes a todos a minha felicidade por amor do meu querido Brandão, cuja vizinhança e intimidade foi um presente de que sou muito reconhecido a Deus.

Adeus, minha cara dona Marooca. Não atribua o meu silêncio à diminuição do afeto que lhe tenho, mas a excesso da trabalhos que desde agosto sempre em aumento até o fim da quarenta, quando comecei a voltar de novo à vida tranquila e esquecida da nossa terra, que me permitiu escrever a história da época de meu pai e gozar a amizade sincera e verdadeira de suas corações leais como o do nosso Brandão.

Como ele tinha mudado nos últimos meses de vida! Que tristeza se aproximava dele! Eu creio que ele sentia muito mal e olhava para a vida e para todos com o olhar de despedida forçada, em que se escondia a também dissimulação de quem não queria que lhe suspeitassem o estado de espírito para não ver sofrer por ele as que ele amava.

JOAQUIM NABUCO

Roma, março, 23, 1904.

Minha cara dona Marooca,

Há muito que não lhe escrevo, mas imagine que em um ano e meio apressei ao rei d'Itália, as grandes viagens impressas! Tive para isso que suspender toda a minha correspondência, ocupar-me exclusivamente do meu assunto. Não sei como pude levar a cabo a tarefa. Estou, porém, muito melhor do que a Sr. me viu quando escrevia a vida de meu pai. E se o efeito no clima da variedade de climas que tive durante a campanha dos meus volumes; foram, com efeito em Londres, a bela-mar inglesa, em Paris, Genova, na Saboia, em Gannes, Nice, na Corniche de Marselha, sobre o mar e de novo em Paris. Foi essa mudança que me permitiu trabalhar seguidamente de dez a doze horas por dia sem exceção de um só dia durante mais de um ano. Deus seja louvado! Agora resta-me esperar a sentença, mas fiz o que podia e estou contente com o meu trabalho: não ficarei de pé, estou convencido, a menor alteração cardíaca o mais não depende de mim, mas do juiz.

Vejo que a senhora continua muito solável como eu sempre imaginei, que poder do sofrer! não digo de resistir ao sofrimento, porque a resistência não é de criar-lo, de sentir-lo, de fazer dele o objeto da vida. Cria-lo, é muito raro, e eu peço a Deus alguma coisa e que Evelina não seja uma viúva assim. Graças a Deus não o será. A senhora me dirá que não é a senhora mesma que cria o sofrimento; que a sua saúde é uma ferida sempre aberta. Mas, diga-me em consciência, não é verdade que a sua se abrande, e ela se entrega ao sofrimento em vez de resistir, e não tem o sentimento de que essa dor assim exacerbada é um pecado contra Deus? O nosso Brandão não teria tido um momento de felicidade, teria sido o mais infeliz dos homens, se pensasse que ele seria causa de um fim que lhe falo assim, porque essa tragédia me parece, uma injustiça feita a ele, assim como é uma injustiça a seus filhos e netos, que deviam ser e não são, da sua viuvez. Evelina era uma viúva muito em consciência e muito solitária, mas eu peço a Deus, uma suprema misericórdia, como, para permitir que ela se entregue ao seu sofrimento. A mulher não se deve entregar viva no túmulo do marido; não se deve compreender a má interpretação de vida no túmulo do filho, não se deve falar religiosamente, mas não do ponto de vista da natureza, mas não a mulher no do marido.

Desejo muito não podemos falar do Brandão. Se a lembrança dele poderia a tortura da alma, em vez de aliviar a expansão da plenitude do reconhecimento a Deus, quem se aproximou da senhora deve evitar esse assunto. Quer a sua, isso? Eu tenho muita saudade dele, sinto-lhe muito a falta e compreendo, do meu sentimento com a sua, que a lembrança dele não lhe dá a expansão da plenitude da felicidade. Mas não quero ser lágrima de dor, não quero! Deveni ser lágrima de dor, não quero, compaixão, em que os filhos vejam refletir-se a antiga felicidade dos pais. Isso que a sua, faz é um auxílio certo. Quanto sinto não estar aí para ocupar saudades por a senhora a recordação do pai, que lhe é tão caro, quando lhe devira ser consolador! Como o nosso Brandão sofreria se a tivesse imaginado assim! Por amor dele e de seus filhos, por amor de si mesma, e para que a sua, faça ciência a tristeza do seu amor. Não creia, como eu

## COOPERATIVA DOS USINEIROS DE PERNAMBUCO LIMITADA

UNICA RECEBEDORA E DISTRIBUIDORA DO AÇUCAR DE PRODUÇÃO DAS USINAS DO ESTADO PELOS CENTROS DE CONSUMO DO PAÍS E DO EXTERIOR

ARMAZENS PRÓPRIOS PARA RECOLHER: AS RUAS DO BRUM N.º 248 E GUARARAPES N.º 113

Capital subscrito..... Cr\$ 4.966.100,00  
" integralizado Cr\$ 4.877.200,00  
Fundo de Reserva.... Cr\$ 986.466,70

RECIFE — PERNAMBUCO — BRASIL

Escritório no Rio de Janeiro: — Rua da Candelária n.º 9 — s/301

Em São Paulo: — Rua Álvares Penteado n.º 180 — s/509

CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO: — José Pessoa de Queiroz, Presidente; Armando de Queiroz Monteiro, Secretário; Luis Inácio Pessoa de Melo, Tesoureiro; Manuel Caetano de Brito, Diretor; Manuel Maroja, Diretor.

CONSELHO FISCAL: — Membros efetivos: Jillo Queiroz, Leônicio Araújo e Romero Cabral da Costa; Suplentes: José Lopes de Siqueira Santos, Afonso Freire e Enock Maranhão.





# Aubrey Bell Poesia da "Face Perdida"

De Cassiano Ricardo

## Trecho do Canto XXV do "Inferno" de Dante

DE DANTE ALIGHIERI

TRADUÇÃO DE DANTE MILANO

ASSIM DISSE O LADRAO E LEVANTANDO  
BEM ALTO AMBAS AS MÃOS FAZENDO FIGAS  
EXCLAMOU: "TOMA, DEUS! E A TI QUE AS MANDO!"

TENHO AGORA AS SERPENTES POR AMIGAS,  
QUE UMA, ENROSCADA, LHE APERTOU A GOELA  
COMO QUE A LHE DIZER: NADA MAIS DIGAS!"

OUTRA LOGO EM SEUS BRAÇOS SE ENVOLEIA  
E DE TAL MODO EM VOLTA SE ENTRELAÇA  
QUE ELE NÃO PODE LIBERTAR-SE DELA.

AH, PISTOIA, PISTOIA, QUE EM FUMAÇA  
E CINZAS TE CONVERTAS, POIS EM DUROS  
CRIMES SUPERS TUA ANTIGA RAÇA.

NEM NOS ANTROS DO INFERNO MAIS ESCUROS  
VI ALMA CONTRA DEUS TÃO REVOLTADA,  
NEM A ARROJADA DOS TEBANOS MUROS.

ELA FOI INDO SEM DIZER MAIS NADA;  
E UM CANTAURO FURIOSO A PERSEGUIA  
GRITANDO: "ONDE ONDE ESTÁIS ALMA DANADA!"

NEM NA MAREMMA HÁ TANTA BICHARIA  
QUANTA ELA CARREGAVA NO COSTADO  
ATE ONDE A FORMA HUMANA PRINCIPIA

SOBRE A NUCA, A SEUS OMBROS AGARRADO,  
DE ASAS ABERTAS UM DRAGÃO LANÇAVA  
FOGO A QUEM QUER QUE LHE PASSASSE AO LADO

"AQUELE É CACO, — O NESTRE ME EXPLICAVA —  
QUE ESCONDIDO NAS ROCHAS DO AVENTINO  
LAGOS DE SANGUE EM TORNO DERRAMAVA.

LONGE DOS SEUS IGUAIS, OUTRO DESTINO  
SEGUE, DEVIDO A FRAUDE COM QUE FEZ  
DO GRANDE ARMENTO O RAPTO REPENTINO.

TERMINARAM SEUS ATOS NUM REVES.  
SOB O CAJADO DE HÉRCULES LHE DANDO  
"CEN! GULPES, DE QUE APENAS SENTIU DEZ".

## ETERNIDADE

William Cullen Bryant

Meu coração se aterroriza dentro de mim, quando penso  
No grande milagre que ainda continua.  
No silêncio, em derredor de mim, o trabalho perpetuo  
Da vossa criação terminada, todavia renovada  
Para sempre. Escrita nos vossos trabalhos, que li,  
A lição da vossa própria Eternidade.

(Tradução de Bezerra de Freitas)

## Prêmios Acadêmicos

(Continuação da página anterior)

ma a metade desses prêmios em benefício da metade que ficar. O Prêmio Machado de Assis, por exemplo, deveria passar a ser distribuído não cada ano, como é, e na importância de dez mil cruzeiros; porém de dois em dois anos, de três em três anos, e então na importância de vinte ou de trinta mil cruzeiros, cada vez que fosse concedido.

Quando aos outros prêmios, em vez de serem conferidos em número de nove cada ano, seriam conferidos em número de três, transportando-se para esses as somas atualmente distribuídas para os outros. Teríamos, assim,

sim, três prêmios anuais de nove mil dez contos cada um. Far-se-ia então a distribuição metódica dos prêmios: um ano para a poesia, o conto, o romance; o ano seguinte, para a crítica, o ensaio, a história; o outro ano para a filosofia, o teatro, a erudição. Isso, ou outra distribuição qualquer, que um melhor estudo aconselhasse.

Acreditamos que essa modificação melhoraria um sistema hoje tão deficiente e precário, com a vantagem de despertar no espírito dos autores jovens um novo interesse pelas letras que a Academia Brasileira de Letras distribui.

"Aubrey Bell faleceu no Canadá, e esse fato, que para todos os que conhecem as letras portuguesas tem grande importância, passou até agora despercebido à imprensa carioca. Achei a notícia em uma correspondência vinda de Lisboa e publicada no "Jornal de São Paulo". O escritor aqui desaparecido tem uma série de serviços relevantes prestados à cultura literária, pois era um grande estudioso de Espanha e Portugal. Entre os seus trabalhos, interessam-nos sobretudo os dedicados à cultura portuguesa. O seu nome é o de um desses indivíduos que se apaixonam por um país alheio, dando-lhe a ele de alma e coração, e embeirando para ele passar a viver.

Portugal tem visto outros casos desses, e o mais eloquentemente o de Robert Southey. Era um poeta de grande situação, no seu país, consagrado oficialmente, rival de Byron, companheiro de Wordsworth e de Coleridge. Indo a Lisboa em visita a um tio que ali vivia, contraiu o que podemos chamar sua doença de Portugal. Desde então, separadamente, viveu no País que para ele era como que uma nova pátria, até ao fim da vida, e de morrer em uma das aldeias portuguesas, às margens do Tejo ou do Mondego. E em suas confidências aos amigos vemos que todo o ideal de sua existência bela e, para ele o que realizava qualquer pastor de Cristóvão Paíde no de Rodrigues Lobo; e o de poder passar os dias pastoreando um terço rebento à margem de um daqueles terrenos regatos, que o Senha concedeu às terras de Portugal. E de admirar como Eça de Queiroz não aproveitou em sua "Cidade e as Serras" esse admirável complemento da sua existência. O tema do romance de Eça é o encontro a demônio, que funda por escrever sobre o espírito do português civilizado, intelectualmente corrompido por Paris, a insatisfação e quase bíblica paixão humana. Eterno, que acrescentar ao tema geral essa minúcia, a do estrangeiro, filho da terra mais culta e requintada, que cala-se o mesmo momento e sob o mesmo fetiche.

Como Southey, Aubrey Bell foi poeta, o narrador ardente de alma e flama de Portugal. Southey acabou por se dedicar aos estudos de História. Pretendia escrever a "História de Portugal", da qual o único capítulo que chegou a redigir foi esse pequeno "História do Brasil" em seis volumes. E com ele ele se tornou aquilo que aspirava a ser: o Herodoto do Brasil.

Aubrey Bell rumou por outros caminhos: os caminhos da crítica, da história literária, do estudo e da fixação dos textos antigos. Resultou de suas pesquisas uma obra colossal, que se representa por número vários de uma bibliografia de estudos e comentários. Ele editou essa obra colossal de autores, como Gil Vicente e Jorge Pereira de Vasconcelos; estudos muitos outros em minuciosas e finas análises. E por fim, condensando todas as suas meditações e todas as suas impressões nas páginas de uma excelente "Literatura Portuguesa", que, traduzida por Agostinho de Campos e Barros e Cunha, nos deu um panorama tão rico, tão mobil, tão claro, tão justo do que é a rica, a formosa literatura portuguesa.

Nem sempre, ao que penso, os julgamentos de Aubrey Bell sobre a literatura em português são de validade portuguesa. Ele tem julgamentos que à pri-

meira vista nos ferim. Estamos, por exemplo, acostumados a adorar ele em Canais como a um deus da poesia. Aubrey Bell pôe certo limite a essa adoração: "Não era Camões nem Homero nem Virgílio... em certo sentido não foi um grande poeta original...". E logo precisa o seu pensamento: "umas, pelo estilo, nenhum poeta latino do Renascimento o excedeu". Certamente que, a bem o entendermos, ainda mais restringe, nesse último conceito, os méritos de Camões, pois é limitar bastante o valor de um poeta atribuir-lhe apenas a excelência do estilo.

Aubrey Bell tinha, como todos os críticos, como todos os historiadores, pontos de referência para a sua juízo. De alguns desses pontos de referência sorririam talvez outros historiadores literários, outros críticos. Ele toma, por exemplo, como assunto de estudo um poeta como João de Deus, exalta-o pela sua naturalidade e pela sua graça, mas lhe reconhece desde logo um defeito — o do emprego de "palavras inexpressivas ou pouco poéticas". E quais são essas palavras? São as seguintes: cômico, chato, trivial, grosseiro... Ele nos dá precipitados em pleno abismo dos estreitos preconceitos de uma arte ocidental e hedonista. E bastaria essa reflexão de um estudioso historiador literário para justificar as mais audazes revoluções de nossos críticos, nossos poetas, nossos modernos. A verdade, finalmente, é que tudo é poesia, na vida e na alma dos homens — tudo é uma questão de saber descobri-la. Não há, pois, tantas antipodismos, e muito menos palavras antipodismos. Aubrey Bell que, orientado, como já vimos, a uma e maravilhosa contribuição que mesmo à poesia erudita oferece a alma do povo, a ponto de dedicar todo um capítulo da sua "Literatura Portuguesa" ao contingente anônimo e folclórico — tinha, como se vê, no apreço ao popular, os pressupostos dignos de um artista parnasiano.

Dedicado aos seus pacientes e difíceis estudos, o escritor inglês gostaria de ver esse valiosíssimo tesouro que é a literatura portuguesa todo exposto no sol. Daria-lhe que algumas dessas obras primas portuguesas, hoje em custódia tanto a ser editadas, como aconteceu com o "Leal Concelheiro" de el-rei D. Duarte, que só foi editado em 1842, com as "Lendas da Índia", de Gaspar Correia, que ficaram manuscritas até 1938, com o "Fábulas Portuguesas", de D. Francisco Manuel de Melo, que foi editado em 1940 pela Academia Brasileira de Letras.

A "Literatura Portuguesa", de Aubrey Bell, ficará no quadro dos estudos críticos e históricos de Portugal como um livro de imprescindível consulta a todos os estudiosos. Será em todos os tempos uma contribuição de raro valor, que deve ser colocada a par dos estudos de Fidelino de Figueiredo, pela precisão da síntese, a riqueza de informação e honestidade de julgamento. A obra de Aubrey Bell trazendo, porém, este outro elemento, que acrescenta ainda a valorizá-la: o de ser o estudo de um estrangeiro a cujo espírito não chegam essas paixões, esse amor, essas talitais, essas deformações que, tanta vez, ainda no plano literário e a distância de tantos séculos, influenciam o ânimo mesmo dos mais serenos e dos mais altos julgadores."

MUCIO LEAO

## CELSO PINHEIRO E DA COSTA E SILVA

(Continuação da página anterior)

Da Costa e Silva é um poeta verdadeiramente antológico. Numerosos dos seus versos já figuram nessas coletâneas em que se condensou, ou pretende condensar-se, o que de melhor tem produzido a poesia brasileira. Vários dos seus sonetos — e acrescento aos já citados os seus "Deuses Lares" e os seus sonetos camonianos — merecem realmente tal honra. Miremos, por exemplo, "A Moeda":  
"A moeda, tanta vez chamada ao laço de 'Saúde',  
como um dos momentos mais altos da inspiração do poeta:

Na remissiva paz da rústica fazenda,  
A luz quente do sol e a fria luz do luar,  
Vive, como a expliar uma coisa tremenda,  
O engenho de madeira a girar e a chorar.

Ringe e range, rouquenha a rigida moenda,  
E ringindo e rangendo, a calta a triturar,  
Parece que tem alma, adivinha e desvenda,  
A ruína, a dor, o mal que vai talvez, a causar...

Movida pelos bois tardos e sonolentos,  
Geme, como a exprimir, em doloridos lamentos,  
Que as desgraças por vir sabe-as todas de cor.

Al! des teu tristes ais! Al! moenda arrependida!  
— Alcool! para esquecer os tormentos da vida  
E cavar, sob Deus, um tormento maior!

Tal foi o poeta Da Costa e Silva, tal, foi a profunda, a suavíssima alma cujo esplendor para a terra o destino uma última vez apagou agora. Aquelles que amam a boa, a autêntica poesia, se aconselho que procurem ler e guardar Da Costa e Silva, e ele um poeta sobre o qual as contingências da hora atual, o prestígio das correntes literárias em voga, a crueldade das igrejinhas, deturpam o alívio e a obscuridade. Porém, tanto quanto pudermos, conjeturamos nestas matérias, é ele um dos valores mais puros da nossa poesia de todos os tempos, um daqueles poucos que estão destinados a sobreporem, nas erasções imensas do futuro...

Os peixes não choram.  
E a lágrima passou  
entre altos caramujos  
entre navios mortos,  
entre detritos afijos,  
entre esponjas por cujos  
orifícios entrou  
e saiu, muitas vezes,  
quieta, obscura, solzinha,  
para, afinal, ser minha.

II

Lá fora,  
a multidão, a onda  
cega, a cavalo líquido  
e glauco  
em que, sem nenhum  
esforço, Deus navega,  
originalmente,  
Al dentro, a lágrima,  
Quieta, obscura, solzinha,  
na unanimidade  
esposa da água azul-marinha.



# A OBRA DE FERREIRA DE ARAÚJO

SÉRGIO VELLOZO

A obra de Ferreira de Araújo divide-se em três partes perfeitamente distintas: a científica, a teatral, e a jornalística. Expõe-las-nos no seu valor ascendente.

Assim, cabe o primeiro lugar à obra científica, que no ponto de vista literário, é a de menor significação. Restringem-se a dois trabalhos, que são as duas primeiras produções de Ferreira de Araújo:

— O primeiro, publicado em 1887, é a sua tese de formatura apresentada à Faculdade de Medicina. Trata de vários assuntos referentes à importância e das febres malignas mais frequentes no Rio de Janeiro.

— O segundo é uma tradução, publicada em 1872, do livro de Luis Figuer, *Depois da Morte, a vida futura segundo a ciência*. Nestes dois trabalhos se resume a obra científica do jovem médico.

A terceira parte de sua obra é a teatral. Nesse terreno, apresenta-se também como autor e tradutor. Inclui-se logo como autor, com a comédia *O Primo Basílio*, que se relaciona com o romance de Eça. A esta seguem-se, mais tarde, *Frederico*, que já demonstra uma segurança maior na criação dramática, um "bom mais" musical, pois de uma pequena brejeira, construída em um ato apenas, passa para uma comédia de costumes em três atos, ampla e vigorosa.

Como tradutor, Araújo deu-nos *Jonathan*, reeditado em três atos, de autores sem importância; *A Filha Única* e *Um Chapéu de Palha de Babilônia*, ambas de Theobald von Schwan, e a tradução da língua francesa de uma comédia de Eugene Courtet, *O Cordeiro que Rode na Mulher*, publicada no almanaque da "Gazeta de Notícias", da peça "Assombrado", de Emile Zola, e de *A Dama de Cor*, peça de autor desconhecido. Além dessas, uma adaptação de *Os Médicos* para o nosso teatro. A maioria destas peças foi levada ao palco no extinto teatro São Luiz.

A parte de maior valor na obra de Ferreira de Araújo, aquela que realmente representa o que poderia em nossa literatura é a obra jornalística. O jornalismo, em Araújo, significa a vocação de uma vocação potente sobre um sentimento em sentido contrário, imposta pelas circunstâncias. Sua carreira inicial foi a Medicina. Porém, desde o período universitário, a imprensa a atraiu e a seduziu o jovem estudante. Cedo, começa a nova inclinação a predominar. Araújo começa a colaborar em pequenos jornais, como o *Guarani* e o *Mosquito*. Passou os anos e em 1875 desabrocha, finalmente, a verdadeira vocação. Surge a "Gazeta de Notícias".

Estudou estudante Araújo agregou-se a um pequeno grupo, misto de atores, boêmios, jornalistas e estudantes frequentadores do teatro São Luiz.

Foi em que surgiram as suas primeiras peças e suas traduções.

Somente um grupo de dois jornalistas, o português Elio Mendes e Manuel Carneiro. Este último era o proprietário de um jornalinho, o "Polêmico".

Nas idas comuns de trabalho, Carneiro conta com o auxílio de seu colega Elio. Mas quando parte o navio para a Europa o trabalho multiplica-se assustadoramente. E a vontade toda o pessoal do teatro São Luiz. Finalmente, animados por um delicioso ponche que Manuel Carneiro preparava com grande habilidade e que constituía o pagamento por aquele trabalho extra, o grupo encrava pela noite a cabeça. No fim da alegre noite, estava pronto o *Mosquito*. Daquela agradável reunião ficaram parte dois redatores usuais, Henrique Chaves, Araújo Viçente Coaraci e um indivíduo que respondia pelo apelido de João Velhinho.

Na segunda semana, uma experiência interessante que pôde ser considerada como uma preparação para o jornal renovador que seria mais tarde a "Gazeta de Notícias". Essa experiência foi o jornalzinho chamado "Diário de Notícias".

O sistema de trabalho não era muito diferente daquele do *Mosquito* — nem também a organização. E os redatores eram os mesmos. Mas já havia um esboço de contabilidade, pois cada um davam o luxo de possuir um gerente e era também o caixa e o guarda-livros.

Este homem pela nome exótico de Chabreiros. Este homem não possuía ordenado, mas trabalhava na conta do hotel onde morava que era para o proprietário do jornal: fazia refeições, guardava-lhes, para grande contentamento do chefe no fim de mês a diária lavada dos cofres.

Não era improvável. O velho boêmio João Velhinho, arvorou-se logo em economista, mandando uma sessão de lições ao povo sobre economia política. Araújo, naquele tempo ainda estudante de Medicina fazia o mesmo sobre política. Ele mesmo confessava mais tarde que as "lições" que literalmente de uns livrinhos

de Maleschotti, o que não impedia de os imprimir como originais". Passou-se depois a fazer folhetins sobre uma companhia lírica.

O mais credenciado de todos era o Henrique Chaves, que já fora jornalista em Portugal. Ocupava por isso o posto de honra, que era a crítica teatral.

Mas esta aventura jornalística teve alguma importância. E isto porque já era uma experiência do sentido daquilo que viria a ser a "Gazeta de Notícias". Sua economia restringia a folha era impressa numa tipografia que lhes cedera gratuitamente uma sala, onde instalaram a redação; e o baixo preço do exemplar permitiram esta coisa impossível num jornal improvisado como aquele: o jornal, em um mês, fez sucesso. Era uma antecipação da organização da "Gazeta de Notícias".

Ferreira de Araújo, no artigo em que se refere à fase do *Diário de Notícias* parece ter a intenção de ocultar o nome do proprietário. Mas desprende-se de suas palavras que não era nenhum daqueles componentes do grupo do *Mosquito*. Talvez tivesse havido algum incidente entre ele e os redatores, o que é difícil de se adivinhar agora. O fato é que Araújo abandonou o *Diário*, os outros também foram saindo, e, como ele diz ao cabo de algum tempo, o *Diário* "desmoronou".

Imediatamente depois fundaram eles a "Gazeta de Notícias". Conta Araújo nas primeiras dificuldades para a instalação, e as lutas com um competidor, que chegou a querer a comprar a casa para desalojalo. Esse colega incomprato não seria talvez o proprietário do *Diário de Notícias*, cujo nome Araújo não quis revelar ao se referir a ele vinte anos mais tarde?

O fato é que o tal jornalista não logrou em seus planos de sabotar a fundação daquele novo jornal que surgiu.

Em 2 de agosto de 1875, saía o seu primeiro número da *Gazeta de Notícias*.

Homem de inteligência, dessa inteligência dinâmica que observa as coisas de relance, penetrando imediatamente em suas qualidades ou defeitos, Araújo notou o quanto graduados estavam os nossos jornais com referência a um contato mais efetivo com o povo. E sua orientação primordial ao fundar a "Gazeta de Notícias" foi no sentido de promover essa maior união entre o jornal e os seus leitores, criando, para um público cada vez mais numeroso um verdadeiro clima de interesse no opinão. Pela primeira vez fez-se um jornal para o povo e não para os partidos políticos. E o jornal cresceu e vivendo a opinião pública.

Como obter isso? Alargando o círculo de circulação do jornal dentro da massa, seja "colando-o" ao alcance de todas as bolsas, como fruiu Felix Pacheco, seja criando novas e novas formas de atrair o interesse do povo.

E nesse sentido que a ação de Ferreira de Araújo é revolucionária em nosso jornalismo. Renovadora, diria com mais acerto, pois a "Gazeta de Notícias" foi um sangue novo, mais vivo e mais forte, que veio reabastecer, em boa hora, o nosso jornalismo estagnado do século dezenove.

Vejam-se agora, "in loco", a superioridade da "Gazeta de Notícias" sobre os outros jornais da sua época. Os principais, então, eram: o *Jornal do Comércio*, *A Nação*, o *Diário do Rio de Janeiro*, o *Globo*, etc., todos semelhantes em sua orientação antiquada, as páginas cheias de longos artigos e discursos a pouca atenção ao noticiário e ao comentário e outras deficiências. Examinemos dois dos jornais antigos alocados nos seus exemplares do dia 2 de agosto de 1875, data da publicação do primeiro número da "Gazeta de Notícias".

A NAÇÃO: — Toda a primeira página ocupada por um discurso do Senador Nabuco de Araújo e por um longo artigo sobre emigração. Nas páginas interiores, outros artigos extensos sobre vários assuntos. A terceira página toda ocupada por um estudo sobre leis de regulamentação. Só a última página é que se encontra um pequeno noticiário que é, todavia, dentro de si, de todos os jornais, o mais minucioso.

JORNAL DO COMÉRCIO: — A primeira página do "Jornal do Comércio" é um pouco diferente. Toda a sua extensão colossal (pois mede quase um metro quadrado de superfície) é ocupada por um bom número de assuntos diferentes. Mas nenhum deles tem interesse imediato. São correspondências intermináveis, compostas em coluna inteira, consultas jurídicas, artigos enfadonhos sobre prováveis melhoramentos na cidade e, no rodapé imenso, um trecho de peça O Marido da Dançarina, que termina com declarações patéticas do amor furibundo: "Não vê que me despedaçou o coração, desgraçado!!" seguidas de lúgubros baúcos nos pés da heroína, enquanto o pano desce lentamente.

Vejam-se agora o primeiro número da "Gazeta de Notícias": — nota-se, logo à primeira vista, a riqueza informativa. Na primeira coluna, os telegramas urgentes, resultados em

negritas; na segunda, o movimento cambial e notícias variadas, que se espalham pelo resto da página, variando toda a espécie de assuntos: um monumento a ser erguido em Filadélfia a criação de um banco em Nova Zelândia, a descoberta de dois novos planetas, etc., etc., enfim, colunas repletas de notícias dos quatro cantos do mundo, sobre acontecimentos os mais variados e todos de real e vivo interesse para o leitor. A segunda página é toda reservada a informações dos acontecimentos nacionais e da cidade, sem deixar de trazer uma ou outra notícia do exterior.

Vê-se, daí, a enorme vitalidade que o jornal possuía desde o seu primeiro número. Vitalidade essa que foi aumentando gradativamente com a inserção de novas seções. Seu tamanho, mais reduzido do que os dos outros, facilitava a leitura. O O rodapé da primeira página, o chamado "folhetim", apresentava artigos de autores variados. Inaugurando o jornal, o de Luis Senior, pseudônimo de Ferreira de Araújo, em que ele declara a desnecessidade de um programa de trabalho, pois o programa de seu grupo, a maneira de ser, a mocidade de cada um.

Luis Senior escreveu no n.º 1 e no n.º 6 — as duas intermediárias foram preenchidas por quatro autores diferentes, nomes desconhecidos até então, todos procurando manter o valor literário da seção e, principalmente, seu nível de elevado interesse. A *Gazeta de Notícias* iniciou-se, pois, como um jornal acessível aos talentos e capazes.

Vimos a imagem de Ferreira de Araújo dentro do Jornalismo, sua ação e sua importância como renovador e precursor. Para completá-la, recorremos às palavras de Nilo Peçanha: "A História vê-las amanhã, como um fato da liberdade de consciência, a liberdade do culto e a do casamento civil; e a pé firme, de dedução em dedução; desde a redenção do cativo até na clivura da República".

Passemos agora à estudar o jornalista em seu aspecto próprio e particular.

Quatro são as fontes para este estudo: as duas seções que Araújo manteve na "Gazeta de Notícias", *Boas de Estalo* e *Marginalias no Sotão*, e duas coleções de artigos seus, uma publicada na Revista Brasileira e outra reunida no livro "Coisas Políticas".

Além destas quatro seções principais, conseguimos relacionar as seguintes, mantidas na "Gazeta de Notícias" e em outros jornais:

"Gazeta de Notícias":

— *Folhetim*, assinado por Luis Senior, sem periodicidade certa.

— *Apanhados*, que também saíam eventualmente.

— *As quintas*, folhetim semanal, como indica o nome.

— *Jornal do Assente*, Cartão da Europa, seção mantida por Ferreira de Araújo durante a sua estadia na França, em 1896. Os artigos levavam a assinatura de A.

— Em outros jornais:

— Duas sessões: *N.º 1 Notícia*, uma diária, em que se assinava F., e uma semanal, intitulada "Aos Sabedores".

— *Modos de Ver* — Seção no jornalismo O Filhote, que não era senão uma edição vespertina da "Gazeta de Notícias", em 1898.

— Colaboração diária para o *Comércio* de São Paulo, enviada por telegrama.

— Colaboração semanal para o *Estado de São Paulo*.

— Seção na "Folha do Norte", de Belém, intitulada "Carta do Rio".

— Vejam-se agora, mais detalhadamente, aquelas quatro seções principais a que mereceri o nome:

— **BALAS DE ESTALO** — Duas hipóteses podem ser consideradas sobre a interessante seção. Ou os seus autores, revendo-se, assinavam as crônicas com pseudônimos variados, usando ainda um pseudônimo diverso; ou é enorme o número de colaboradores naquela seção. Na segunda hipótese, seria Balas de Estalo uma dessas ações em que escrevem todos aqueles que possuem algo interessante ou pitorresco a comentar.

Baseio estas hipóteses no elevado número de pseudônimos, encontrados tão somente no ano de 1885: sobressaem pela maior constância: Bob (talvez Gláudio Hilas, pois é este um dos seus pseudônimos), Gil (Piquetredo Pimentel), Zip-Zag Ly (Manuel da Rocha), Riancho (Henrique Chaves), Zélio (Machado de Assis) e Luis Senior, que é Ferreira de Araújo.

Em companhia tão ilustre, as crônicas de Luis Senior sobressaem entre as mais interessantes e bem escritas.

— **MARGINALIAS NO SOTÃO** — Também da "Gazeta de Notícias" esta seção pertencia exclusivamente a Ferreira de Araújo, que assinava Jose Telha. Apesar de não ser uma seção diária, como indicam as bibliografias, é impressionante por mostrar a atividade de Araújo.

Um nome que é pro priário e diretor, que se entrega ao trabalho diário e estafante de seu mister, mantendo, ainda, com brilho incômodo a representação do jornal nos círculos políticos, sociais e literários, interessando-se em chamar para junto de si os nomes de valor, criando o grupo de redatores mais ilustres que um jornal já possuía, lança quase diariamente, e em certas ocasiões diariamente, o seu artigo, sem que decida, uma vez sequer, o nível de interesse dos assuntos que sabe interessar o leitor. A felicidade da escolha acrescenta-se a vivacidade e espontaneidade do estilo, que compõem o verniz de intrínseca e graciosaidade dos artigos. Temos que concordar com aquele que disse: "Delta artigo de fundo com a familiaridade do burguês, do paletó branco e chinês, na tape, a discretar depois do jantar" (Zag, em A Semana, ..... 13-6-1885). Esta comparação, apesar de sutilmente maliciosa, é contudo, justa. O estilo de Araújo caracteriza-se pela amplitude e desapareço as imagens refinadas, literárias. E vamos encontrar essa mesma opinião em um espírito despido de malícia, expressada de maneira mais generosa e mais brilhante... do seu estilo chão, persuasivo, suavemente luminoso, esmalçado de espírito em lábios criados, em precisas popitas do ouro, se derramava a mais amável das qualidades humanas: a benevolência" (Rui Barbosa, em A Imprensa, 22-8-1900).

Agora, que já tivemos uma idéia do estilo de Jose Telha, vejamos um exemplo daquele tom jocoso e irônico que revestia os seus artigos:

"Parar que finalmente, acabou em pag a questão que ia dando que fazer ao Ministério da Guerra. No dia do Ano Bom, uma porção de oficiais foram de bonde — o Sr. Ministro nunca houve — cumprimentar S. Ex.ª e declarar-lhe que estimavam muito que o digno cavalheiro tivesse boas saídas e melhores entradas. E' certo que alguns oficiais acidentemente deixaram de associar-se aos seus colegas e foram visitar S. Ex.ª no dia 21 de que restavam, os que tinham o Sr. Alfredo Chaves positivamente atravessado na garganta, como se empunhassem no dia 21. Macaquinhos no bonde, 1888".

Nesta seção estudamos as duas coleções de artigos políticos. Destas, temos o livro *Coisas Políticas* e a seção A Política, mantida na "Revista Brasileira".

Basta estabelecermos a diferença entre um jornal e uma revista refinada, como a "Revista Brasileira", para percebermos a diferença entre aquelas duas coleções de artigos. Na primeira, encontramos o verdadeiro cronista político; na segunda, Araújo revela-se, além de jornalista, um analista profundo e um escritor do mérito.

— *Coisas Políticas* é uma coleção de quarenta artigos saídos na "Gazeta de Notícias" de 19 de março a 31 de dezembro de 1883 e reunida em um volume de 245 páginas.

Foi por este importante livro que tivemos conhecimento com o estilo de Araújo como cronista político. É a grande importância daqueles artigos está neste: mostram o que é um verdadeiro cronista político. *Coisas Políticas* é um modelo para todo aquele que tiver inclinação para esta difícil e espinhosa função jornalística. O cronista possui, antes de tudo, aquela vivacidade impressionante à todo e que se propõe comentar ou criticar, vivacidade que se expressa por uma ténue ironia na maneira de observar os fatos. Esta genial delicadeza se transforma em extraordinária energia no momento em que, abandonando o ar prazeroso de costume, o jornalista assume uma linguagem severa no julgamento dos atos e pessoas. Ao atacar ou criticar uma coisa que lhe parece errada, essa energia mais se exalta e gentio do ar sério, quase solene, nota-se o brilho de um entusiasmo reprimido, que o cronista não quer deixar transparecer.

Mas isto é raro, pois o tom irônico é o que o predomina. A ironia exige um número menor de palavras. O entusiasmo, maior derramamento. A ironia é, pela mais frequente. Damos aqui dois rápidos exemplos: — comentando a notificação do conde d'Eu para comandante das nossas exércitos no Paraguai: "O sr. conde d'Eu é marcial do exército brasileiro pelo ato de bravura que praticou vindo para o Brasil".

Sobre a viagem de D. Pedro II ao Rio Grande de Sul: "Os círculos políticos estão muito preocupados com a viagem do Imperador. Se ele viajar em julho, temos conservadores em mais".

...

A Política. — Ferreira de Araújo iniciou em janeiro de 1886, a sua colaboração na "Revista Brasileira". Já no número daquele mês saía o primeiro de uma série de artigos que formam a seção chamada A Política. Este primeiro trabalho trata do litígio com a Inglaterra sobre a ilha da Trindade.

(Continua na página seguinte)

# Uma carta de Paul Valéry a Jorge Duhamel

LA JEUNE PARQUE

Sábado, 40, Rua de Villeguier — Oiro, confrade. Agrado-lhe ter-me mandando a sua conferência, que muito senti não ter podido ouvir, quando a pronunciei no último inverno, na "Casa dos Amigos dos Livros".

Li-a com desassado interesse, pois a alguém podia examinar esta relação, da guerra com a literatura, emitir um juízo fundado e não contaminado por restrições pessoais nem brutalmente estropeio, parecia-me que deveria ser o caso confrade.

Não me enganava; o conjunto de vossas reflexões que termina por uma divida, conquistada sobre si mesmo pela preocupação do rigor, deixou-me a sensação para mim a mais preciosa: a da verdade do verdadeiro.

Mas entre duas páginas a que mais cuidadosamente considerei é aquela em que acreditou reconhecer meu próprio caso. Assim, o leitor de uma obra patológica se detém no parvo apaixonado, diante do espírito que lhe diz respeito.

Não sei a quem aludisse no fim da pag. 36, mas o tipo de poeta ou amador que vos escreve parou de ler quando seus olhos acabaram de ver o que segue. "Piquei impressionado com a calma inutilidade dos poemas que ouvi".

Concentrando-me, perguntei a mim mesmo quais as reflexões que em lhe poderia ter inspirado.

Médico que sou, com tendência a olhar sobretudo das "almas" apresento-lhe um caso singular. El-lo em sua simplicidade:

Entrava-se — desde 1892 — a pensamentos e problemas cada vez mais afastados da poesia e mesmo de toda a literatura prático.

Quanto mais escrevia para tal caminho, mais adquiria a segurança de não voltar jamais ao exercício das letras. Limitava-se a acumular notas cujas idéias mas tão diversas e tão livres de qualquer intenção de as utilizar, tornavam-se um pensamento de as rever e de rancor das qualidades obra, me parecia absurdo. Encontrava uma satisfação mais comum na tarefa de escrever o meu escrito, pois, o espírito e a memória uma espécie de bicho que, tem sete instintos — e é talvez capaz desta monstruosidade lógica: fabricar, para seu uso, instinto, por hábito.

Vem a guerra. Para minha liberdade interior! Especialmente, tornava-se impossível ao tornar-me-me impossível.

Escrevia perfeitamente que todos os meus reflexões sobre os acontecimentos eram vão ou tobo. A angústia, as pressões, a sensação de impotência me levavam a um resultado. Foi então que em mim, nasceu a ideia de observar-me, nas minhas horas de lazer, a uma tarefa limitada, sujeita a estranhas condições de forma. Insuperáveis, talvez, de seguir que não devem fugir às regras comuns um longo poema.

E eis onde eu queria chegar: a recordação onde transportei há pouco vossa alusão a olimpíadas antigas.

Este poema (que se chama *La Jeune Parque*) apresenta todas as aparências das páginas que se encontram em 1898 como em 1930 — "Tudo se passa" como a guerra de 1914-1918 não tivesse existido.

Eis, entretanto, que o lir que eu compus "sub alga Martis". Eu mesmo, não me explico, não posso compreender que o poema somente em francês eu queira.

Escrevi-o na angústia e qual contra ela. Tinha acabado por angustiar-me que cumpria um dever: que pensava um culto a qualquer coisa que se perdia. Comparava-me a esses monges da Idade Média, que ouviam o mundo civilizado aos vozes do seu claustro; que ao acreditavam no fim do mundo e que, entretanto, escreviam dificilmente em exâmetros duros e tenebrosos, incansáveis poemas destinados a ninguém. Confesso que o francês se me apresentava uma língua em aporia e que eu me preparava a considerá-la sub specie aternitatis.

Não havia serenidade em mim. A serenidade da obra não prova a do ser. Pode acontecer, pelo contrário, que ela seja a resultante de uma re-

# A VIDA DOS LIVROS

## LIVROS RECEBIDOS

*Cuadernos Dominicanos de Cultura* — n.º 14 — outubro, 1949.  
*Cuadernos Dominicanos de Cultura* — n.º 15 — novembro, 1949.  
*Cuadernos Dominicanos de Cultura* — n.º 16 — dezembro, 1949.

*Revista do Clube de Aeronáutica* — outubro-dezembro de 1949 — n.º 10.  
*Boletim Informativo de la Embajada de los Estados Unidos de Venezuela* — 31 de outubro — n.º 5 — 1949.

*Sul, Revista do Circulo de Arte Moderna* — n.º 11 — maio de 1950.  
*Arte e Literatura* — Suplemento da "Tribuna de Petrópolis" — maio de 1950.

*Brasil Açucareiro* — ano XVIII — vol. XXXV — abril de 1950 — número 4.  
*Diário Econômico* — n.º 66 — junho de 1950 — ano VI.

*Revista da Universidade de São Paulo* — ano I — janeiro-fevereiro e março de 1950 — n.º 1.

*Revista Branca* — n.º 11 — março de 1950.

*Boletim da Biblioteca da Academia Carioca de Letras* — n.º 19 — 1949.

*Revista Acadêmica* — da Faculdade de Direito do Recife — ano XVI — 1948.

*Revista da Academia Paulista de Letras* — ano XII — 12 de dezembro de 1949 — n.º 48.

*Investigações* — Revista do Departamento de Investigações — ano II — São Paulo, abril de 1950 — n.º 16.

*Suplemento Literário de "A Manhã"*, comemorativo do centenário de Rui Barbosa.

*Unión Las Naciones Unidas a Los Pueblos del Mundo* — 1950.

*Boletim Informativo do Bureau de Informaciones Polonaises* — 22-VII — 1950.

*Fichário* — Resenha da Bibliografia Brasileira — ano I — março e abril de 1950 — n.º 2.

*Índices Culturales Españoles* — número 50 — 1 de março de 1950.

*Índices Culturales Españoles* — número 61 — 1 de abril de 1950.

*Índices Culturales Españoles* — número 62 — 1 de maio de 1950.

*Ano Sexto da Revista Eletica* — 1950.

*Hilda Hübner* — *Prosa* — Poemas primitivos — Ilustrações de Darci Perceira — São Paulo, 1950 — 23 páginas.

*Antonio Ferrari* — *Manual Clínico, Topográfico e Prático* — 2.ª Edição — OL do Jornal do Brasil — Rio de Janeiro — 1950 — 280-V — páginas.

*Itinerário* — Boletim de Informaciones para o Brasil — 8 de junho de 1950 — n.º 17.

*Alceu Amoroso Lima* — *A Evolução Religiosa de Joaquim Nabuco* — Ministério das Relações Exteriores — Divisão Cultural — Ciclo de conferências de 1949 — n.º IX — Serviço de Publicações — 42 páginas.

*Sir Ronald Adam* — N. N. E. S. C. C. — E o Conselho Britânico — Ministério das Relações Exteriores — Divisão Cultural — Ciclo de Conferências de 1949 — n.º VIII — Serviço de Publicações — 13 páginas.

*Levi Carneiro* — *Joaquim Nabuco e Sir Herbert*, duas vidas paralelas — Ministério das Relações Exteriores — Divisão Cultural — Ciclo de Conferências de 1949 — n.º VII — Serviço de Publicações — Imprensa Nacional, 1950 — 49 páginas.

*Levi Carneiro* — *Joaquim Nabuco e Sir Herbert*, duas vidas paralelas — Ministério das Relações Exteriores — Divisão Cultural — Ciclo de Conferências de 1949 — n.º VII — Serviço de Publicações — Imprensa Nacional, 1950 — 49 páginas.

*Levi Carneiro* — *Joaquim Nabuco e Sir Herbert*, duas vidas paralelas — Ministério das Relações Exteriores — Divisão Cultural — Ciclo de Conferências de 1949 — n.º VII — Serviço de Publicações — Imprensa Nacional, 1950 — 49 páginas.

*Levi Carneiro* — *Joaquim Nabuco e Sir Herbert*, duas vidas paralelas — Ministério das Relações Exteriores — Divisão Cultural — Ciclo de Conferências de 1949 — n.º VII — Serviço de Publicações — Imprensa Nacional, 1950 — 49 páginas.

*Levi Carneiro* — *Joaquim Nabuco e Sir Herbert*, duas vidas paralelas — Ministério das Relações Exteriores — Divisão Cultural — Ciclo de Conferências de 1949 — n.º VII — Serviço de Publicações — Imprensa Nacional, 1950 — 49 páginas.

*Levi Carneiro* — *Joaquim Nabuco e Sir Herbert*, duas vidas paralelas — Ministério das Relações Exteriores — Divisão Cultural — Ciclo de Conferências de 1949 — n.º VII — Serviço de Publicações — Imprensa Nacional, 1950 — 49 páginas.

*Levi Carneiro* — *Joaquim Nabuco e Sir Herbert*, duas vidas paralelas — Ministério das Relações Exteriores — Divisão Cultural — Ciclo de Conferências de 1949 — n.º VII — Serviço de Publicações — Imprensa Nacional, 1950 — 49 páginas.

*Levi Carneiro* — *Joaquim Nabuco e Sir Herbert*, duas vidas paralelas — Ministério das Relações Exteriores — Divisão Cultural — Ciclo de Conferências de 1949 — n.º VII — Serviço de Publicações — Imprensa Nacional, 1950 — 49 páginas.

*Levi Carneiro* — *Joaquim Nabuco e Sir Herbert*, duas vidas paralelas — Ministério das Relações Exteriores — Divisão Cultural — Ciclo de Conferências de 1949 — n.º VII — Serviço de Publicações — Imprensa Nacional, 1950 — 49 páginas.

*Levi Carneiro* — *Joaquim Nabuco e Sir Herbert*, duas vidas paralelas — Ministério das Relações Exteriores — Divisão Cultural — Ciclo de Conferências de 1949 — n.º VII — Serviço de Publicações — Imprensa Nacional, 1950 — 49 páginas.

*Levi Carneiro* — *Joaquim Nabuco e Sir Herbert*, duas vidas paralelas — Ministério das Relações Exteriores — Divisão Cultural — Ciclo de Conferências de 1949 — n.º VII — Serviço de Publicações — Imprensa Nacional, 1950 — 49 páginas.

*Fran Martins* — *O Cruzeiro Tem Cinco Estrelas* — *Romance* — Capa de Serviço Honorário — Revista CUA — Fortaleza — 1950 — 342 páginas.

*Lourenço Fontes* — *Homens e Multidões* — Livraria José Olímpio Editora — 1950 — 332 páginas.

*Edoardo Girão* — *Do Lei dos Dias* (Pensamentos) — Distribuidora: Editora Civilização Brasileira S. A. — Rio de Janeiro — 211 páginas.

*Paulo Achille* — *Silêncio do Meu Destino* — Poemas — Capa de Notícia Guerra — 1950 — 183 páginas.

*Hermínio de Brito Conde* — *Influência do Trabalho Visual de Perto Sobre o Olho Normal e Patológico* — Terciano de Medicina do Trabalho — se apresentada ad 1.º Congresso Americano de 1950 de 1949 — Buenos Aires — República Argentina — Rio de Janeiro — 1950.

*Carolina Nabuco* — *The Life Of Joaquim Nabuco* — Translated and by Ronald Hilton, Director of Hispanic American Studies Stanford University — in collaboration with Les B. Valentine, Frances E. Couronlin e Joaquim M. Duarte Jr. — Stanford University Press — Stanford — California — 273 pp.

*Mário Gracioti* — *O Homem Plural* — romance — Editora Guirara Limitada — 267 páginas.

*Mário Gracioti* — *Europa Tranquila* — Crônicas de Viagem para adultos e crianças — Editora Cupolo Ltda. — São Paulo — Brasil — 300 páginas.

*Austrélio, Antônio* — *Da Academia de Letras* — *Almas Desgraçadas* — Romance (2.ª Edição). A primeira, foi publicada com o pseudônimo Pítora Lima. Editora Guanabara, 1943.

*Imãns Pongetti Editores* — *Rio de Janeiro* — 1950 169 páginas.

*Barbosa, Rui* — *Obras Completas de Vol. VI, 1950* — Tomo I *Discursos Parlamentares* — Câmara dos Deputados — Ministério da Educação e Saúde — Rio de Janeiro — Imprensa Nacional — 1948 — 339 páginas.

*Barbosa, Rui* — *Obras Completas de Vol. XXV, 1950* — Tomo IV — *Pratibulos Jurídicos* — Ministério da Educação e Saúde — Rio de Janeiro — Imprensa Nacional, 1948 — 287 páginas.

*Barbosa, Rui* — *Obras Completas de Vol. XXV, 1950* — Tomo V — *Tratados Jurídicos* — Ministério da Educação e Saúde — Rio de Janeiro — Imprensa Nacional, 1948 — 346 páginas.

*Barbosa, Rui* — *Obras Completas de Vol. XXV, 1950* — Tomo VI — *Tratados Jurídicos* — Ministério da Educação e Saúde — Rio de Janeiro — Imprensa Nacional, 1948 — 346 páginas.

*Barbosa, Rui* — *Obras Completas de Vol. XXV, 1950* — Tomo VII — *Tratados Jurídicos* — Ministério da Educação e Saúde — Rio de Janeiro — Imprensa Nacional, 1948 — 346 páginas.

*Barbosa, Rui* — *Obras Completas de Vol. XXV, 1950* — Tomo VIII — *Tratados Jurídicos* — Ministério da Educação e Saúde — Rio de Janeiro — Imprensa Nacional, 1948 — 346 páginas.

*Barbosa, Rui* — *Obras Completas de Vol. XXV, 1950* — Tomo IX — *Tratados Jurídicos* — Ministério da Educação e Saúde — Rio de Janeiro — Imprensa Nacional, 1948 — 346 páginas.

*Barbosa, Rui* — *Obras Completas de Vol. XXV, 1950* — Tomo X — *Tratados Jurídicos* — Ministério da Educação e Saúde — Rio de Janeiro — Imprensa Nacional, 1948 — 346 páginas.

*Barbosa, Rui* — *Obras Completas de Vol. XXV, 1950* — Tomo XI — *Tratados Jurídicos* — Ministério da Educação e Saúde — Rio de Janeiro — Imprensa Nacional, 1948 — 346 páginas.

*Barbosa, Rui* — *Obras Completas de Vol. XXV, 1950* — Tomo XII — *Tratados Jurídicos* — Ministério da Educação e Saúde — Rio de Janeiro — Imprensa Nacional, 1948 — 346 páginas.

*Barbosa, Rui* — *Obras Completas de Vol. XXV, 1950* — Tomo XIII — *Tratados Jurídicos* — Ministério da Educação e Saúde — Rio de Janeiro — Imprensa Nacional, 1948 — 346 páginas.

*Barbosa, Rui* — *Obras Completas de Vol. XXV, 1950* — Tomo XIV — *Tratados Jurídicos* — Ministério da Educação e Saúde — Rio de Janeiro — Imprensa Nacional, 1948 — 346 páginas.

*Barbosa, Rui* — *Obras Completas de Vol. XXV, 1950* — Tomo XV — *Tratados Jurídicos* — Ministério da Educação e Saúde — Rio de Janeiro — Imprensa Nacional, 1948 — 346 páginas.

*Barbosa, Rui* — *Obras Completas de Vol. XXV, 1950* — Tomo XVI — *Tratados Jurídicos* — Ministério da Educação e Saúde — Rio de Janeiro — Imprensa Nacional, 1948 — 346 páginas.

*Barbosa, Rui* — *Obras Completas de Vol. XXV, 1950* — Tomo XVII — *Tratados Jurídicos* — Ministério da Educação e Saúde — Rio de Janeiro — Imprensa Nacional, 1948 — 346 páginas.

*Barbosa, Rui* — *Obras Completas de Vol. XXV, 1950* — Tomo XVIII — *Tratados Jurídicos* — Ministério da Educação e Saúde — Rio de Janeiro — Imprensa Nacional, 1948 — 346 páginas.

*Barbosa, Rui* — *Obras Completas de Vol. XXV, 1950* — Tomo XIX — *Tratados Jurídicos* — Ministério da Educação e Saúde — Rio de Janeiro — Imprensa Nacional, 1948 — 346 páginas.

*Barbosa, Rui* — *Obras Completas de Vol. XXV, 1950* — Tomo XX — *Tratados Jurídicos* — Ministério da Educação e Saúde — Rio de Janeiro — Imprensa Nacional, 1948 — 346 páginas.

*Barbosa, Rui* — *Obras Completas de Vol. XXV, 1950* — Tomo XXI — *Tratados Jurídicos* — Ministério da Educação e Saúde — Rio de Janeiro — Imprensa Nacional, 1948 — 346 páginas.

*Barbosa, Rui* — *Obras Completas de Vol. XXV, 1950* — Tomo XXII — *Tratados Jurídicos* — Ministério da Educação e Saúde — Rio de Janeiro — Imprensa Nacional, 1948 — 346 páginas.

*Barbosa, Rui* — *Obras Completas de Vol. XXV, 1950* — Tomo XXIII — *Tratados Jurídicos* — Ministério da Educação e Saúde — Rio de Janeiro — Imprensa Nacional, 1948 — 346 páginas.

*Barbosa, Rui* — *Obras Completas de Vol. XXV, 1950* — Tomo XXIV — *Tratados Jurídicos* — Ministério da Educação e Saúde — Rio de Janeiro — Imprensa Nacional, 1948 — 346 páginas.

*Barbosa, Rui* — *Obras Completas de Vol. XXV, 1950* — Tomo XXV — *Tratados Jurídicos* — Ministério da Educação e Saúde — Rio de Janeiro — Imprensa Nacional, 1948 — 346 páginas.

*Barbosa, Rui* — *Obras Completas de Vol. XXV, 1950* — Tomo XXVI — *Tratados Jurídicos* — Ministério da Educação e Saúde — Rio de Janeiro — Imprensa Nacional, 1948 — 346 páginas.

*Barbosa, Rui* — *Obras Completas de Vol. XXV, 1950* — Tomo XXVII — *Tratados Jurídicos* — Ministério da Educação e Saúde — Rio de Janeiro — Imprensa Nacional, 1948 — 346 páginas.

# BOI BLAU, SOBRE CAMPO DE PRATA

Poema de CASSIANO RICARDO

Boi do meu casamento,  
Boi da minha solidão,

DANTE MILANO

O meu boi gorjeia,  
quando pura a água  
p'ra quem tem sede.  
O meu boi canta  
inmemorialmente,  
quando a hora cal  
pelo vão das folhas.  
O meu boi ri  
e garrista o meu casamento  
Conduz leuza p'ra as cascas  
cude não há fogo  
Leva o lixo do beco  
para a horta do pobre.  
Leva o corpo venenoso  
do bêbado.  
Leva o herói ferido.

O meu boi ri,  
O meu boi ri de amor.  
O meu boi me puxa  
entre os transeuntes.  
O meu corpo é a carga  
desse boi em flor.

O meu boi puxa rosas  
para a bem amada.  
Puxa o céu com as estrelas.  
Puxa Deus — se Deus cala —  
E — boi de olhar anjo —  
puxa terra p'ro campo  
onde se planta o trigo.  
Puxa trigo p'ro pão.  
Puxa — por entre os homens —  
minha solidão.

Mas há também as coisas  
que ele não puxa, não,  
mesmo quando segue  
de cabeça baixa  
sob a carga da vida  
mais próxima do chão:  
o orgulho, a falsa glória,  
o suor da epopéia,  
a vida da enxada,  
a estranheza do Estado,  
o resto deste mundo,  
a injustiça, o insulto,  
ou a humilhação.

Itá de haver um dia  
e dois ramos de flores  
Quatro rosas de prata  
que lhe sirvam de aspas,  
que lhe sirvam de casco.  
Um braço de ferro  
que lhe sirva de marca,  
um ouro, sobre a pica.  
E um colar de rei,  
desceado na comprida  
que lhe sirva de coroa.  
E a guarda verde  
da minha esperança,  
com que eu o fundique  
numa hora de sono.  
E a minha solidão,  
cinza, sem horizonte,  
que lhe sirva de campo.  
E o fardo do meu corpo,  
que lhe sirva de carga,  
pela estrada amarga.  
E o manto que eu chorei  
que lhe sirva de água.  
E duas luas entornas,  
que lhe sirvam de rodas.

Eu entrarei no céu  
ao cair da hora  
pelo vão das folhas.  
E estarei entre os anjos  
(longe da terra ingrata)  
com o meu boi blau  
sobre campo de prata.

# A OBRA DE FERREIRA DE ARAUJO

(Continuação da página anterior.)  
Durante o ano de 1896 publicou sistematicamente os seus excelentes artigos, de que sobressaem os seguintes:

— o de abril, em que combate a intromissão do exército na causa pública, prevenindo a nação contra o militarismo que deponha;

— o de outubro, primeiramente como lógica e argumentação, sobre a questão do divórcio. Demonstra a contradição entre a legislação civil do casamento e a política dada pela Igreja.

Finalmente, a 14 de março de 1897, sob o título

trabalho, versando sobre a derrota de Moreira Cesar na revolta de Canudos; trabalho que ocorreu, assim, aquela primorosa série de 25 artigos.

A análise dos principais estudos de A. Político, do livro *Costas Políticas*, das melhores crônicas de *Beias de Estado* e *Macanudos no Sotão*, poderia formar um magnífico volume, revelando para as gerações futuras a obra de um dos nossos maiores jornalistas, obra que ameaça se evanecer no amarelamento das velhas coleções de jornais.

Além, não é Ferreira de Araújo o único dos nossos grandes publicistas de quem se deveria publicar a obra. Ao lado dele temos um «Varista da Virga um João Francisco Lisboa, um Gonçalves Léo, um Luís Guma, além de muitos outros que poderiam ser creditados, um Joaquim Nabuco, um João Ribeiro, um Lacer, formando uma galeria enorme e fulgurante que se inauguraria com o grande pesquisador e mestre Hilário da Costa. Dele a obra já já-isse Sílvia Romero, referindo-se a este mesmo assunto: "ainda hoje seria possível, dentre a

maza" enorme do "Correio Brasileiro", escolher vinte ou trinta desses artigos decisivos publicá-los em livro e ter assim a mão o esboço do poema do grande homem."

Facamos isso, não com um, mas com todos esses espíritos majestosos, que teremos criado para o mundo a epopéia do pensamento brasileiro.

(Transcrito do *Jornal do Brasil*, edição de 9 de julho último, onde saiu sob o anônimo).